



Departamento de Sociologia

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

Ana Mónica Palinhos Oliveira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia: Especialização em Comunicação e Cultura

Orientador:
Doutor Vítor Sérgio Coelho Ferreira, Investigador Pós-Doc,
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Maio, 2012

“A tattoo is a true poetic creation, and is always more than meets the eye. As a tattoo is grounded on living skin, so its essence emotes a poignancy unique to the mortal human condition.”

V. Vale & Andrea Juno, *Modern Primitives*

AGRADECIMENTOS

Eis que chegou o momento de agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, deram a sua contribuição para que eu alcançasse o meu caminho e esta dissertação fosse realizada.

À minha Mãe, Céu, um agradecimento sentido por estar sempre presente em todos os meus momentos, pelo exemplo de força e perseverança, pela confiança que deposita em mim, pelo orgulho que sempre demonstra e especialmente, pelo amor incondicional. As minhas conquistas são também as tuas!

Aos meus Avós, Francisco e Brites, por tudo aquilo que representam na minha vida, por serem um grande exemplo, pelo carinho que transmitem em cada olhar, pelo colo, pelo mimo. Porque muito do que sou hoje, a vocês vos devo. Não há palavras suficientes para expressar toda a alegria e conforto que sinto por vos ter sempre ao meu lado.

Ao meu namorado, Marco, pelas incansáveis palavras de apoio e de carinho, por me fazer rir em todo e qualquer momento, pelas partilhas diárias, pelo amor e companheirismo com que sei que posso sempre contar.

Ao meu orientador, Professor Vítor Sérgio Ferreira, por ter aceite com entusiasmo o meu pedido de orientação, sem nunca antes nos termos cruzado. Por toda a dedicação dispensada ao meu trabalho e inestimável atenção, tendo sido um suporte essencial na sua realização.

Ao Tiago, que mais do que primo é um irmão e amigo, e à Janete, por ouvirem os meus desabafos e saberem quais os bons conselhos a dar. Ao Rui, pela sua companhia e pelo miúdo espetacular que é.

Aos meus entrevistados, por me terem aberto a porta do seu mundo.

A todos aqueles que de alguma forma marcaram o meu percurso académico. Sem esquecer o meu ‘para sempre’ querido grupo de trabalho – Filipe, Inês e Mafalda, por todas as risadas, longas conversas, discordâncias, enfim, por todas as partilhas que me enriqueceram tanto pessoal como academicamente. Uma palavra especial também à Liliana, pelas peripécias e aventuras que sempre tivemos, e que me fizeram uma pessoa ainda mais feliz.

Obrigada a todos!

RESUMO

Pretende-se com o presente estudo desenvolver a temática sobre o universo da tatuagem, não na sua vertente de consumo, sinal de identidade individual e de afiliação grupal, mas sim, analisando de que forma este universo se tem profissionalizado e como o corpo se tem “artisticizado” nas sociedades contemporâneas, estudando os tatuadores enquanto artistas e enquanto profissionais dotados de uma cultura profissional que lhes é própria.

Este estudo recorreu a uma metodologia de natureza qualitativa, tendo sido contemplada a abordagem etnográfica. O tempo de permanência no terreno foi de aproximadamente seis meses, tendo sido o campo etnográfico composto por estúdios de tatuagens tanto implantados na cidade de Lisboa como em zonas periféricas, e a visita à convenção nacional de tatuagem – *Tattoo and Rock Festival*. Foram realizadas entrevistas semi-directivas a tatuadores donos de estúdios e tatuadores a trabalhar por conta de outrem. Foram igualmente realizadas entrevistas a agentes do campo das artes consagradas, tais como galeristas, críticos de arte e professores de Belas-Artes, com o intuito de se perceber como a tatuagem e os tatuadores são vistos nesse campo das artes por agentes que o legitimam.

O processo de passagem da clandestinidade para a visibilidade, tem permitido a legitimação da profissão de tatuador e o reconhecimento da tatuagem como objecto artístico dentro do *Art World Tattoo*. Contudo, a profissão ainda se encontra em processo de consolidação, contando os tatuadores com estratégias de profissionalização para melhorarem a sua condição. As tatuagens estão se a tornar obras criativas, fruto da imaginação e da sensibilidade de tatuadores e tatuados, alcançando o estatuto de obra de arte e o seu produtor sendo reconhecido como tatuador artista no seio da comunidade.

Palavras-Chave – Tatuagem; Profissão; Arte; Artista; Criatividade

ABSTRACT

Through the present study, it is intended to develop the topic of tattoo’s universe, not in its vector of consume, signal of individual identity and group affiliation, but rather in analysing in which way this universe has been professionalized and how the body has been artisticized in contemporary society, by studying the tattooists as artists and professionals enriched of a professional culture that is very unique.

This study has used a qualitative methodology, by contemplating an ethnographic approach. The time of permanence in the field was approximately of six months, having the ethnographic field been composed by tattoo studios implemented in the city of Lisbon and peripheral zones and also the visit to the national tattoo convention – *Tattoo and Rock Festival*. There were conducted semi-

directive interviews to tattoo studio owners and dependent tattooists. There were also conducted interviews to agents in the field of consecrated arts, such as gallerists, art critics and professors of Fine Arts, with the main purpose of understanding how the tattoo and the tattooists are perceived in the field of arts by the agents that legitimate that field.

The process of the passage of clandestinity to visibility has allowed the legitimization of the profession of tattooist and the recognition of the tattoo as an artistic object inside the *Art World Tattoo*. However, the profession is still in a process of consolidation. The tattooists have been using professional strategies in order to improve their condition. The tattoos are becoming creative works, as a result of imagination and sensitivity of tattooists and tattooed, reaching the masterpiece status and the creator the tattoo artist status within the community.

Key-words – Tattoo; Profession; Art; Artist; Creativity

ÍNDICE

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract.....	ii
Introdução.....	1
1.Opções metodológicas e incursão no terreno.....	2
1.1.A estratégia metodológica.....	2
1.2.O trabalho de pesquisa de campo – principais desafios e reflexões.....	3
Capítulo I	
A TATUAGEM ENQUANTO PROFISSÃO EM CONSOLIDAÇÃO	
1.A mediatização da tatuagem e a construção da reputação do tatuador.....	9
2.Estratégias de profissionalização.....	13
2.1. Regulação e medicalização.....	15
2.2.Associativismo e convenção.....	17
3.Percursos e motivações do profissional da tatuagem.....	20
4.Processo de aprendizagem – regulação informal da entrada.....	22
Capítulo II	
TATUAGEM E AS SUAS RELAÇÕES COM A ARTE	
1.A presença de novas formações no <i>Art World Tattoo</i>	26
2.Tatuador Artista vs. Tatuador Artesão.....	30
3.Tatuagem – qual o seu lugar no mundo da arte?.....	34
Conclusão.....	40
Bibliografia.....	42
Anexos.....	I
Anexo A.....	I
Anexo B.....	III
Anexo C.....	VI
Anexo D.....	VII
Anexo E.....	VIII
Anexo F.....	IX
<i>Curriculum Vitae</i>	X

INTRODUÇÃO

A arte das tatuagens tem um longo percurso na história, não é um produto cultural recente. As razões para a sua manifestação variam tanto no tempo como no espaço, indo muitas vezes de funcional a ornamental, da utilidade à estética. Fazendo uma retrospectiva no uso da tatuagem ao longo dos tempos, nas sociedades ditas “primitivas” as transformações corporais tinham um carácter preparatório para que os indivíduos pudessem exercer determinadas actividades dentro da sua comunidade (Turner, 1999). Com o passar do tempo, os significados atribuídos às marcas no corpo foram sofrendo alterações e hoje elas são muitas vezes memória de um acontecimento ou relatos de partes da vida dos indivíduos. Deste modo, a concretização da memória de um indivíduo passa a ser partilhada com outros, dando-se pela exposição do corpo e, com ele, a exposição de uma história de vida. A tatuagem funciona assim como um discurso inscrito na própria pele. No século XVIII, o uso da tatuagem assumiu um carácter transgressivo, estas aparecem na Europa como uma prática quase exclusiva dos marinheiros, soldados, prisioneiros e prostitutas, ou seja, daqueles que se encontravam muitas vezes marginalizados pela sociedade. Com o tempo, as tatuagens foram obtendo novas significações e ganhando mais adeptos (Atkinson, 2003). Nos finais do século XX, a tatuagem adquiriu uma nova forma de ser assumida e de ser praticada socialmente. Tornou-se um símbolo individual, mas como marca de moda. É muito frequente ver corpos tatuados em distintas classes sociais, sem restrições de género, idade ou estatuto. Deixou de ser uma prática exclusiva da marginalidade e começou a inserir-se em novos contextos sociais, ganhando outros significados.

Actualmente, a tatuagem assume-se como marca de distinção nesta época de homogeneização gerada pela globalização. As inscrições feitas no corpo, transformam cada vez mais, na sociedade actual, corpos em verdadeiras telas, transformam o indivíduo em objecto de exposição por todo o seu tempo de vida, em todo e qualquer espaço por onde ele circule. Assim, se a contemporaneidade é caracterizada por uma identidade circunstancial e efémera, com todas as suas variações, alguns indivíduos encontram uma referência estável no mundo social transformando o próprio corpo em tela permanente (Ferreira, 2006). A tatuagem mobiliza olhares, reflecte sentimentos, classifica os indivíduos que lhe servem de tela e que nela buscam distinções simbólicas (Le Breton, 2004). Neste novo contexto, a legitimação social da tatuagem tem-se verificado associada à legitimação da profissão de tatuador e ao reconhecimento da tatuagem como potencial meio de expressão artística.

A tatuagem tem sido objecto de atenção sociológica principalmente na sua vertente de consumo, como sinal de identidade e afiliação a grupos. Contudo, o lado da produção, do tatuador e da profissão ainda é um tema pouco explorado¹. Posto isto, pretende-se aqui analisar de que forma o universo da tatuagem se tem profissionalizado (Capítulo I), bem como compreender de que forma o profissional da tatuagem tem sido legitimado enquanto artista e, simultaneamente, a tatuagem enquanto meio de expressão artística (Capítulo II).

¹ Veja-se o trabalho de Fonseca (2003), Ferreira (2008) e Sanders (1989).

1. Opções metodológicas e incursão no terreno

1.1. A estratégia metodológica

O projecto que aqui se apresenta recorreu a uma metodologia de natureza qualitativa, considerando que “os estudos sociológicos de natureza qualitativa, se adequadamente desenvolvidos, são fiáveis e os seus desenhos de pesquisa, por serem abertos e flexíveis, dão-nos melhor conta das múltiplas realidades interaccionantes. (...) Os métodos qualitativos devem, eles próprios, ser tomados como caminhos para a descoberta de teorias, conceitos, hipóteses e preposições, de modo algo indutivo, partindo-se dos dados e da observação, e não somente de marcos teóricos e conceptuais existentes” (Pais, 2002: 154).

Para esta investigação utilizou-se uma abordagem etnográfica. A metodologia etnográfica já tem sido utilizada em trabalhos anteriores que se debruçam sobre o tema das tatuagens e, tendo em conta o objectivo do projecto em questão, considerou-se ser a mais adequada. A etnografia é uma estratégia de pesquisa na qual o investigador se insere na realidade social que se propõe estudar para compreender elementos intrínsecos e tácitos dessa sociedade, para assim poder estudar o fenómeno “por dentro”. Portanto, esta estratégia de pesquisa é uma vantagem para a análise de aspectos sociais e culturais de um grupo social tão particular, os tatuadores, colectando dados que decorrem da interacção directa e contínua do investigador com o objecto.

Segundo António Firmino da Costa (1986), a pesquisa de terreno tem como base fundamental a presença idealmente prolongada do investigador nos contextos sociais em causa e o contacto directo deste com as pessoas e situações que se pretendem estudar. É importante realçar que, segundo este autor, não se trata de uma técnica de pesquisa, mas sim de um método, visto que se está perante uma estratégia integrada de pesquisa, que organiza diferentes técnicas de recolha de informação complementares, articulando-as com as técnicas de análise da informação recolhida. No centro deste método de pesquisa multidimensional está sempre o investigador, já que os principais instrumentos de pesquisa são a observação de locais, objectos, símbolos, pessoas, comportamentos, actividades, acontecimentos, etc.; e a sua participação no quotidiano dos contextos que pretende estudar. A estas técnicas centrais associam-se outras, com carácter complementar, tais como: entrevistas, conversas de carácter informal, análise de documentos, etc.

É ainda de referir a importância da realização de um diário de campo ao longo da permanência no terreno uma vez que “este ordena, através do fio narrativo, a dispersão de acontecimentos do dia-a-dia”, ordenando-se nele também “uma série de cognições e de sentimentos que constantemente se produzem no contacto permanente com a vida social do local” (Caria, 2002: 26). Este é um registo diário da observação participante, é um instrumento de controlo da investigação, sendo que “escrever notas de campo é disciplinar o acontecer simultâneo das várias memórias que se cruzam na rememoração dos factos” (Caria, 2002: 27). Assim, o diário de campo pode ser um instrumento de

controlo da investigação, pois nele reflecte-se como se produz o conhecimento, orientando a subjectividade e o papel do investigador no terreno.

Antes da partida para o terreno foi tido em conta que o método etnográfico de pesquisa levanta diversas questões fundamentais, ligadas tanto à presença intensa e prolongada do investigador numa unidade social de pequenas dimensões, como à forma de recolha das informações. Poder-se-á focar, em primeiro lugar, a capacidade do investigador distinguir muito clara e objectivamente entre as informações que derivam da observação feita pessoalmente, dos enunciados verbais dos tatuadores e as informações fornecidas pelos indivíduos que trabalham nos estúdios. Estas três fontes de informação, se assim os podemos designar, têm características distintas e implicações na pesquisa que não podem ser negligenciadas: eles reflectem esquemas mentais e “filtros” bastante distintos, que necessitam de ser continuamente objecto de reflexão, exigindo conhecimento aprofundado sobre os contextos em que essas informações e discursos são produzidos.

Por outro lado, a presença do investigador é inevitavelmente produtora de interferência: novas relações sociais se criam, surgem papéis sociais e identidades relacionados com o investigador, o que poderá delimitar os terrenos que são acessíveis por parte deste, condicionando a direcção da investigação. Assim, a pesquisa de terreno implica, para além das técnicas já enunciadas, a observação directa, participante e o recurso a informantes privilegiados e plataformas de observação. As duas primeiras, incluindo conversas informais ou observação que não envolva interacções verbais com o observado, possibilitam a captação de acontecimentos, práticas e narrativas. Já os informantes privilegiados são essenciais para o acesso a sistemas de normas e status no contexto em causa, visto que estes ocupam um lugar preponderante na unidade social em estudo, sendo uma fonte permanente de informação sobre outras pessoas, acontecimentos, eventos, etc. Estes informantes são muitas vezes protagonistas e actores influentes em sub-unidades específicas também elas preponderantes no contexto em estudo: as plataformas de observação. As lojas, as convenções e até mesmo bares específicos, são exemplos destas plataformas, de onde é possível “ver” tatuados e tatuadores.

Por fim, é pertinente abordar a recursividade permanente entre a recolha, classificação e interpretação dos dados, visto que existe uma dupla série de dados que é essencial pôr permanentemente em confronto: o que é obtido directamente pelo investigador, sem verbalização dos actores e os dados fornecidos, de diversas formas, pelos actores. Está implícito então um contínuo exercício de reflexão sobre os materiais recolhidos, através das diferentes técnicas, confrontando-os entre si e com a literatura teórica que se vai lendo, nunca perdendo de vista os contextos em que estes são produzidos.

1.2. O trabalho de pesquisa de campo – Principais desafios e reflexões

O método etnográfico preocupa-se mais com a “compreensão subjectiva do que com dados numéricos” (Giddens, 2004: 649) e, sem dúvida, é o que se pretende com este projecto, compreender o

“mundo” dos tatuadores e toda esfera artística que o envolve actualmente. E aqui deve-se ter em conta que o investigador “deve ganhar a confiança e a cooperação do grupo ou comunidade e mantê-las durante algum tempo, se quiser obter algum resultado” (Giddens, 2004: 648), o que exigiu toda uma fase exploratória do terreno. Assim, para dar início a este trabalho foi feita uma primeira incursão no terreno, tendo sido assim escolhido como espaço privilegiado de observação a loja de tatuagens e “body piercing” *El Diablo*, no Chiado (Lisboa), onde foram estabelecidas algumas conversas informais, a partir das quais foi possível avançar alguns dados. É de referir que esta observação avançou assim que o tema foi escolhido, mas antes de serem definidos objectivos claros para o mesmo. Esta foi uma exploração que permitiu analisar a exequibilidade de um estudo aprofundado sobre o tema. Também se deve ter em conta que o que foi referido pelos indivíduos da loja pode ser aquilo que eles querem transparecer para o exterior, tendo havido ao longo do trabalho de campo uma necessidade de ultrapassar o discurso normativo dos tatuadores. Com a abordagem etnográfica será possível analisar a “ordem da interacção”, no sentido goffmaniano, ou seja, ver relações entre pessoas na loja e ver como ocorrem as negociações traduzidas pela gestão do trabalho na loja – orientação do cliente na loja, negociação e encaminhamento deste, quer entre os vários profissionais na loja, quer entre profissionais e clientes, quer ainda os processos de trabalho e organização. E, observar desta forma, como o discurso se articula com a prática.

Para contextualizar o trabalho de campo deste projecto, especificamente, o tempo de permanência no terreno foi de aproximadamente seis meses, tendo ocorrido entre Julho e Dezembro de 2010. O campo etnográfico foi composto por lojas de tatuagens tanto implantadas na cidade de Lisboa como em zonas periféricas, de forma a garantir um campo diversificado, e a visita à convenção nacional de tatuagem – *Tattoo and Rock Festival* que teve a duração de 3 dias (as convenções são encontros de tatuadores de todo o mundo – consideradas, dentro do *Art World Tattoo*, como “incentivo à arte” e “bastidores do mundo da tatuagem”). As entrevistas e conversas informais foram duas técnicas de recolha de dados fundamentais. Foram realizadas entrevistas semi-directivas² (21) a tatuadores donos de lojas e tatuadores a trabalhar por conta de outrem. Nestas entrevistas as trajectórias e percursos dos tatuadores foram exploradas. Em relação às idades dos entrevistados, foram entrevistados tanto novos tatuadores (o mais novo tinha 22 anos), como tatuadores que já estão nesta área de actividade há muitos anos (o mais velho tinha 43 anos). Esta escolha foi orientada pela hipótese de que o contexto de profissionalização dos tatuadores pode estar a mudar, já que actualmente se verificam entre os novos tatuadores algumas tendências que não se verificavam: estes já não têm de ser consumidores de tatuagens, fazê-las deixa de ser um estilo de vida e configura-se cada vez mais como um negócio, vêm de áreas de formação artística como as Belas-Artes, diferentes das trajectórias relativas aos tatuadores mais antigos. Também foram realizadas entrevistas a agentes do campo das

² Ver anexos A e B - Guião de entrevista e caracterização sociográfica dos entrevistados.

artes consagradas³ (5), tais como galeristas, críticos de arte e professores de Belas-Artes com o intuito de perceber como o campo da arte consagrada vê a pretensão de determinados agentes quererem chegar ao campo artístico, ou seja, como se consagra a tatuagem e como é vista nesse campo das artes por agentes que o legitimam. Tal como foi referido anteriormente, foi também elaborado um diário de campo e foram tiradas diversas fotografias. A elaboração do diário de campo surgiu pela necessidade de registar os “desabafos” feitos já fora do contexto da entrevista, porque a maioria dos entrevistados mostraram que o gravador era um obstáculo a falar livremente sobre alguns assuntos mais sensíveis. Alguns destes assuntos são contados ao longo do trabalho pela sua relevância no estudo. A *internet* foi também utilizada como instrumento de pesquisa. Consultei regularmente diversos *sites* dos estúdios, páginas pessoais de tatuadores no *Myspace* e *Facebook*, revistas especializadas, entre outras. Na *Internet*, encontra-se informação essencial actualizada mas, mais importante ainda, esta permite-nos aceder a um universo de relações virtuais entre toda a comunidade internacional da tatuagem.

A partir de todo este trabalho realizado é possível fazer uma reflexão sobre a aplicação da pesquisa de terreno ao estudo dos tatuadores no domínio da sociologia da cultura e da arte. É importante começar por referir que a pesquisa de campo “supõe o emprego de um certo número de ‘qualidades pessoais’, aquelas de que se precisa em qualquer relação social um pouco imprevista como, por exemplo, a capacidade de entrar em relação com pessoas desconhecidas pertencentes a outros meios sociais que não o seu e de ganhar a confiança dos investigados, de negociar um lugar no campo, de ficar lá, capaz, às vezes, de ‘incomodar as pessoas’” (Beaud & Weber, 2007: 22). Implica também “a prudência, a circunspeção, a capacidade para escutar, para ficar retirado, para não julgar” (Beaud & Weber, 2007: 22). A tudo isto pode não se dar o devido valor antes de ir para o terreno, mas quando se começa a frequentá-lo apercebemo-nos como são características indispensáveis e como o que estes autores dizem faz todo o sentido, o que acaba por ser transversal aos desafios que encontrei no terreno.

O acesso aos locais da investigação foi precedido por um processo de negociação prévia, sendo que numa das lojas já havia sido feita uma pequena entrevista na fase exploratória da investigação. Em algumas das lojas mais antigas notou-se a renitência em colaborar comigo, o que penso que pode resultar de muitos trabalhos feitos noutras áreas e por a sua imagem ser muitas vezes denegrida nos *media*. Tive algumas recusas por parte de tatuadores da zona do Barreiro e Almada, o que foi de estranhar porque inicialmente pensei que fosse ter mais dificuldades em falar com os tatuadores da zona de Lisboa por serem mais mediáticos, mais conhecidos, mesmo nos *media*. Esta situação consigo encaixar no exemplo de Beaud & Weber sobre casos em que os investigados não são entrevistáveis, pois pareceram-me casos em que os indivíduos tinham “algo a ocultar”, em que deu a sensação, pelas respostas negativas dadas, “que desconfiam de todo olhar exterior, ou mais exactamente de toda a

³ Ver anexo C – Guião de entrevista a críticos de arte.

forma de pesquisa; temem sempre que os seus propósitos sejam gravados e utilizados contra eles” para provar algo (2007: 127).

Tive que ganhar a confiança dos tatuadores e, sem dúvida, a permanência da minha presença no terreno favoreceu a integração no mesmo. A minha presença nas lojas tornou-se banal, nada inibidora, passando a haver espaço até para confidências. Em relação às lojas que frequentei habitualmente, não houve formalidades entre mim e os entrevistados, tendo havido grande à vontade da maior parte em me receber, tendo mesmo sido cimentadas relações de afinidade e convívio fora do contexto do estúdio de tatuagem. Os tatuadores tiveram de imediato uma grande preocupação em me fornecerem material que tinham, tal como revistas especializadas, artigos de jornais, livros, contactos de outros colegas, de forma a tentarem facilitar a minha investigação e me fornecerem informação fidedigna. Sem dúvida, o trabalho de campo foi adquirindo uma vida própria, tornou-se uma espécie de rede, em que eu, enquanto investigadora, não tive sempre o controlo. A título de exemplo, em algumas ocasiões os entrevistados acabavam a “entrevistar-me”, tinham curiosidade em saber mais sobre o que eu estava a fazer e sobre a minha vida. A muitas das perguntas deles tive que tentar fugir. Mas também foi esta interacção e confiança gerada, que contribuiu para que se estabelecessem laços que proporcionaram a revelação de alguns “segredos”.

As relações pouco informais que se cimentaram, apesar de terem sido uma óptima forma de obter informação, em certos momentos senti-as como condicionantes. Destas situações o melhor exemplo é quando estive no *Tattoo and Rock Festival*. Assim que lá entrei os tatuadores conhecidos começaram logo a chamar-me e a apresentar-me outros tatuadores das suas redes de amigos. Portanto, os tatuadores que eu já conhecia tentavam dar-me a conhecer apenas tatuadores com que se dão regularmente, parecendo que não queriam que eu conhecesse outros que lá estavam. Também chegou uma altura em que me interroguei sobre o que estava realmente a fazer no festival, já que inicialmente o objectivo era observar e absorver o máximo possível deste mundo, e às tantas deparei-me que apenas andava à conversa e a conhecer tatuadores, numa forma mais de diversão do que de estudo, parecendo que se tinha quebrado o distanciamento necessário para a continuação do estudo (pensava eu).

Contudo, quando saí do festival, percebi que este meu receio foi em vão porque consegui dar-me conta de diversas coisas, desde a forma de relacionamento entre eles, algumas regras que existem no meio e até mesmo algumas simpatias e rivalidades. Esta questão levanta a clássica discussão antropológica sobre proximidade e distanciamento entre investigador e o grupo alvo de pesquisa. Sobre isto, Gilberto Velho salienta que o que permite ao antropólogo desenvolver a sua pesquisa no meio urbano é o facto de ele conseguir transitar por diversos mundos e, ao mesmo tempo, não ser englobado por nenhum. Esse multipertencimento do investigador é o que faz com que ele obtenha um “estranhamento crítico diante do próximo” (2003: 18). Em relação à visita ao *Tattoo and Rock Festival* é ainda de referir que tive a consciência que a minha presença neste evento foi uma excelente forma de legitimar a minha experiência dentro deste universo, porque mostrou aos tatuadores o meu verdadeiro

interesse em conhecer melhor o “mundo” em que eles se inserem e em me relacionar com quem lá estava sem preconceitos.

No que diz respeito às entrevistas, o tempo de cada entrevista aos tatuadores foi variável. Estas entrevistas dependeram muito da abertura, da capacidade comunicativa e reflexiva do entrevistado, mas também do ambiente envolvente, tendo sido muito mais complicado contornar as interrupções que derivavam deste. Todas as entrevistas foram realizadas em estúdios de tatuagens, tendo havido alguma dificuldade em algumas delas em manter a continuidade do discurso, já que a entrada e saída de clientes e as conversas paralelas distraíam a atenção dos tatuadores. Ainda neste contexto das limitações em relação às entrevistas, é de referir que fiz uso do gravador como recurso técnico para registo das entrevistas. Em relação ao gravador este foi bem aceite pelos entrevistados, mas para alguns deles verifiquei que era um obstáculo a falar livremente. Alguns, quando acabava a entrevista e viam que o gravador tinha sido desligado, diziam expressões do género “ah agora já posso falar à vontade”, o que demonstra algum receio em referirem nomes ou situações que se tenham passado. Esta situação vem também reforçar a necessidade de fazer o diário de campo para poder registar os “desabafos” feitos já fora do contexto da entrevista.

Aquilo que procuro nesta investigação, em termos de significados e perspectivas, e mesmo em outros trabalhos de teor etnográfico, são muitas vezes inconscientes para as pessoas que os possuem. Para estas pessoas, por vezes, é difícil explicitar de forma concreta a sua compreensão sobre como vivem e porque agem desta ou daquela forma. A significação dada às suas rotinas é muitas vezes secundária, eles mesmos nunca reflectiram sobre isso, o que leva muitas vezes a desvalorizarem certos detalhes e a não falarem sobre eles. O que exigiu da minha parte muita atenção ao quotidiano destas pessoas, de forma a conseguir que as conversas fossem o mais abertas possível, por forma a revelarem essas rotinas.

A realização de uma pesquisa etnográfica, devido à sua natureza de períodos longos de convívio com o grupo alvo da investigação, envolve uma série de questões éticas, com as quais também me deparei. Como posso entrevistar sem levantar as brigas e rivalidades existentes? Como posso usar palavras que me foram ditas, muitas delas já com o gravador desligado, quando os tatuadores mostraram-se tão dispostos a colaborar comigo? Estas perguntas na minha cabeça foram um dilema, na medida em que procuro manter a confidencialidade e ao mesmo tempo dar conta dos acontecimentos. Depois de todas as entrevistas realizadas e se ter passado grande tempo de observações, deparei-me com o facto de, ao referir na dissertação determinadas coisas, os entrevistados, ao lerem o trabalho, poderiam perceber facilmente quem as disse por ser um meio pequeno e fechado em que a maioria se conhece. Poderiam mesmo sentir-se traídos ao abordar determinados assuntos. Para que isto não aconteça é importante seleccionar muito bem os excertos das entrevistas que vou usar, e também o que valerá realmente a pena ser abordado. É preciso então seguir algumas regras deontológicas. O anonimato dos investigados deve ser mantido mudando os nomes e até, se preciso, os lugares. Tal como Beaud & Weber referem, é preciso ter em conta que “alguém que

não conhece de antemão o lugar e as pessoas não pode descobri-los” (2007:79) ao ler a dissertação. Mas, de qualquer forma, é preciso ter noção de que as pessoas envolvidas provavelmente irão se reconhecer, independentemente dos pseudónimos. Tendo isto em mente, expliquei desde início aos entrevistados que o meu trabalho será meramente académico e científico. Uma pergunta constante dos entrevistados era “com quem é que já falaste?”. Todos queriam saber quem já tinha sido entrevistado e o que tinham dito. Foi, claro, uma pergunta a que nunca dei resposta por uma questão ética e tentei sempre fugir ou dizer apenas “alguns tatuadores do país”. Não foi fácil contornar esta curiosidade.

Há um ponto importante a extrair de todo este trabalho de campo. Se as minhas escolhas metodológicas foram feitas em função do meu problema de pesquisa, o trabalho de campo permitirá a emergência de temas que alimentam a elaboração de perspectivas teóricas. Assim, o problema de pesquisa é redescoberto no trabalho de campo, daí ter evitado desde início a definição rígida e apriorística de hipóteses. Neste sentido, a produção da teoria parte do próprio terreno, no âmbito de um processo que se caracteriza por um ir e vir permanente entre a compreensão, a escuta atenta, o recuo do investigador e a análise crítica, a que Kaufmann chama de “ruptura progressiva” (1996). A objetivação é construída gradualmente, graças aos instrumentos conceptuais destacados e organizados entre si, dando a ver o objecto de estudo de uma maneira cada vez mais afastada do olhar espontâneo de origem, sem nunca haver uma ruptura completa com ele. Por tudo isto, é possível afirmar que, sendo a cultura dos tatuadores e todas as práticas a ela ligadas pouco familiares a quem está fora dela, o método etnográfico afirmou-se como o mais adequado ao estudo deste tipo de objecto, onde a vivência directa nessa realidade e a partilha de todo esse universo com as pessoas que nela se inserem, se configurou a melhor forma de a compreender e descrever, de forma a abrir caminho a estudos posteriores sobre o tema em questão.

Capítulo I – A tatuagem enquanto profissão em consolidação

1. A mediatização da tatuagem e a construção da reputação do tatuador

A tatuagem está a ganhar cada vez mais relevo na sociedade actual e no espaço público. Um *spot* publicitário actual ilustra esta realidade. Uma das maiores cadeias internacionais de *fast food*, num dos seus mais recentes *spots* publicitários, confirma o reconhecimento que cada vez mais é dado à tatuagem na sociedade actual. A *Mcdonalds* nos seus *spots* publicitários recria situações urbanas, inerentes ao quotidiano dos jovens, e neste caso específico, a tatuagem. Neste *spot* o protagonista quer fazer uma tatuagem e para isso leva consigo 1€ - pensa que dá para pagar a tatuagem, pois no *Mcdonalds* com esse euro consegue comprar vários produtos. Começa por tentar tatuar a maior tatuagem do estúdio, uma Carpa Koi, muito apreciada na tatuagem oriental, e acaba a pedir para tatuar “só as ovas da carpa”, sem sucesso. No final do *spot* acaba a pedir desculpa ao tatuador pela insistência. Este é um exemplo do reconhecimento social do valor económico e artístico da tatuagem e do trabalho do tatuador na sociedade actual.

Os veículos de comunicação ajudaram a desmitificar o uso da tatuagem, contribuindo para que esta forma de expressão ganhasse cada vez mais adeptos e se popularizasse entre todas as idades, estilos e classes sociais. Os programas televisivos têm tido uma grande influência na construção da opinião pública sobre os usos da tatuagem e o trabalho do tatuador. Programas como Miami Ink, LA Ink, NY Ink e outros, atingem públicos cada vez mais alargados e diferenciados, e ajudam a desestigmatizar a imagem de tatuados e tatuadores, mostrando o dia-a-dia dos profissionais. Tal como referem Maria e Gabriel, estes programas ajudaram a aumentar a visibilidade da profissão e deram a conhecer alguns pormenores da cultura das tatuagens:

“Hoje em dia, as pessoas já sabem mais o que é que querem, também são mais esclarecidas pela televisão. Por causa daquele programa do Miami Ink, as pessoas já sabem o estilo, mais ou menos já têm uma cultura e já falam a nossa linguagem em termos de estilos de tatuar ou de estilos de desenhos, os temas, os significados”. – Maria, 36 anos

“No público em geral teve um grande impacto. Foi uma grande ajuda para desmistificar um pouco todo este universo. As pessoas imaginam a loja de tatuagens como um antrozinho, assim escuro e estranho. Depois disso, começaram a receber melhor as coisas, não quer dizer que seja em todo o lado assim, mas pronto.” – Gabriel, 43 anos

Este género de programas televisivos trazem vantagens para a profissão, são também uma fonte de atractibilidade para a mesma, mas simultaneamente trazem consigo aspectos negativos. Da mesma forma que se dá a popularização da tatuagem, vai-se banalizando cada vez mais a profissão. Alguns tatuadores consideram que estes programas acabam por banalizar a tatuagem, a justificação – aquilo que é mostrado não é, de facto, a realidade do quotidiano de um estúdio de tatuagem, não é o dia-a-dia de um tatuador em tempo real. Nestes *reality shows*, acompanha-se um momento específico e, sem dúvida, há uma campanha de marketing televisivo sobre os estúdios de tatuagem onde se desenrolam

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

os mesmos. Estes programas mostram aos telespectadores o processo de realização de uma tatuagem, mas há várias lacunas, por exemplo: não é dada importância a mostrar como é esterilizado o material, nem qual o tempo que demora a elaborar um desenho. Esta banalização faz com que cada vez mais os jovens aspirem a tornar-se tatuadores por acharem que são uma via e vida fáceis. Este é um dos motivos por que, na opinião dos profissionais, a regulamentação da profissão é cada vez mais necessária. Há cada vez mais novos profissionais, o que não significa que haja mais qualidade, porque muitos não têm qualquer aptidão e/ou preparação para a profissão.

De qualquer forma, a visibilidade mediática no mundo dos profissionais da tatuagem, dá-nos conta de um ambiente de maior abertura e competitividade, com clientelas mais alargadas, mais profissionais e novas condições do exercício da profissão. Com toda a visibilidade que o universo da tatuagem alcançou, os seus profissionais procuram também alcançar reconhecimento a nível individual. O reconhecimento da qualidade do trabalho e o prestígio profissional são muito importantes na carreira de um tatuador. A reputação de um tatuador está directamente ligada à avaliação que é feita do seu trabalho. A *internet* e principalmente as redes sociais que nela se encontram, assim como a convenção de tatuagens, assumem um lugar fulcral no panorama actual das tatuagens – são os principais espaços de reconhecimento interpares. E é nestes espaços que se constrói a visibilidade e o reconhecimento de cada tatuador na sua individualidade e singularidade do seu trabalho.

Com efeito, a tatuagem está hoje muito presente na *internet* – em *sites* especializados, *blogs* e redes sociais. “A *internet* não se limita, pois, a facilitar o acesso à informação ela permite igualmente a comunicação entre os membros dos mais diversos grupos e das mais diversas origens, constituindo ao mesmo tempo um meio para a formação e criação de novas relações através de um acesso quase imediato a milhares de contactos potenciais com interesses e áreas de conhecimento compatíveis com os nossos” (Cardoso, 1997: 52). Também os tatuadores fazem uso desta ferramenta para dar visibilidade aos seus trabalhos. O *boom* da tatuagem deve muito a este fenómeno, a sua difusão pela *internet* ajudou a quebrar preconceitos e também a valorizar o tatuador e o seu trabalho.

As redes sociais e as comunidades virtuais que nelas habitam começam a ganhar cada vez mais relevo neste meio. As redes sociais na *internet* constituem-se por *sites* que privilegiam a formação de comunidades virtuais com interesses comuns, promovendo a interação a diversos níveis entre os indivíduos dentro de cada grupo e com indivíduos de grupos diferentes. Uma comunidade virtual, segundo Gustavo Cardoso é “um grupo social não sujeito a padrões de dimensão específicos, em cuja base de formação se encontra a partilha de interesses comuns, de tipo social, profissional, ocupacional ou religioso no qual não se procura apenas informação, mas também pertença, apoio e afirmação” (1998: 115). No *Facebook*, por exemplo, encontram-se diversas comunidades de tatuadores de todo o mundo. Se antes as reputações eram construídas apenas com base na opinião partilhada face a face e na informação passada boca-a-boca, hoje em dia, com o advento da *internet* e do mundo virtual, tatuadores de todo o Mundo usam as redes sociais como portfólio virtual e como meio de

comunicação. E assim, parte da divulgação é feita de “*friend em friend*”. Cada vez mais, “no campo econômico, a exploração do nicho social networking passa a ser alvo de interesse de empresas que estão vendo no ramo das redes sociais virtuais um amplo espaço para negociação de produtos e serviços e, enxergando também, o potencial de relacionamentos estabelecidos nas comunidades como forte capital social da atualidade” (Machado & Tijiboy, 2005: 2). Os tatuadores e os seus estúdios também não são exceção. Um tatuador, inserido na aldeia global virtual, consegue mostrar e vender o seu trabalho tal como quer.

São muitas as vantagens que estes profissionais conseguem obter com o uso destas redes. À distância de um clique, um tatuador consegue publicitar o seu trabalho/estúdio sem custos associados. A criação de plataformas virtuais, onde existe uma partilha do trabalho feito, permite o salto para outros projectos, permite a criação de sinergias e círculos de trabalho. Os tatuadores nacionais conseguem assim entrar em contato com colegas de outros cantos do mundo, estabelecendo parcerias e conseguindo ocupar *guest spots*. O acesso ao *Facebook*, *Myspace* e outros, é gratuito, sem horários, limitações e pode ser feito através de qualquer computador ou telemóvel com acesso à *internet*, sendo o seu uso ágil e móvel. De forma instantânea, o tatuador consegue espalhar a imagem ou até mesmo vídeos que mostram o processo de criação de um trabalho. O perfil pode ser personalizado à medida do utilizador. Os tatuadores podem interagir com futuros clientes que vão colocando dúvidas ou comentários aos trabalhos apresentados. Estas redes ajudam a manter um bom relacionamento com os clientes, criando assim relações que perduram além do tempo de produção da tatuagem.

É através da *internet* que estes profissionais da tatuagem se actualizam e consolidam conhecimentos na área. Na *internet* conseguem aceder a revistas de todo o Mundo e ver trabalhos de outros tatuadores em busca de inspiração. Podem analisar ao pormenor os desenhos e a técnica utilizada pelos outros. Estas redes permitem também que estes profissionais conheçam mais rapidamente novos materiais, novas tintas, novas agulhas, máquinas e outro tipo de produtos.

Sites como o *Fotolog* e o *Myspace* albergam desde aspirantes a tatuador até profissionais conceituados. “Este é o espaço onde locais para a discussão de interesses comuns podem facilmente surgir, os locais de interacção formam-se à medida que os interesses surgem. Locais que se tornam espaços de encontro de características virtuais onde o tempo e o espaço reais não são condicionantes da interacção entre sujeitos provenientes das zonas geográficas mais díspares” (Cardoso, 1997: 52). Através destas redes os tatuadores trocam visitas e comentam o trabalho uns dos outros:

“Entre tatuadores comunicamos através do Facebook, Hi5, Myspace. Quando a gente expõem os nossos trabalhos e outros tatuadores vêem e fazem os comentários, e a gente acaba por ver no comentário que essa pessoa é tatuadora, vamos ver os trabalhos que gostamos ou não gostamos, fazemos o nosso comentário. Acabamos depois por trocar ali umas palavras. E surgem convites às vezes. Já cá tivemos tatuadores de fora a trabalhar, vieram passar férias e acabaram por trabalhar cá uma ou duas semanas. E foi sendo assim, como nós queremos ir lá fora também, como eu vivi um ano da minha vida em Barcelona também a trabalhar.” – Bernardo, 31 anos

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

A partilha dos trabalhos através das redes sociais teve um papel muito importante no aumento da exigência tanto nos clientes como entre os tatuadores. Os profissionais podem facilmente monitorizar o que está a ser feito pelos seus concorrentes, o que lhes desperta o desejo de serem ainda melhores. Estando os seus trabalhos acessíveis a pessoas de todo o Mundo e em concorrência com tantos outros tatuadores, cada um procura a sua distinção e mostrar melhor trabalho que o outro. Se outrora este meio era descrito como fechado, actualmente a competitividade que existe está ligada à sua abertura e extrema interconexão global, onde os tatuadores procuram se superar uns aos outros:

“Sim, porque antigamente essa troca, não havia assim muita gente a ver o nosso trabalho, não é? Então agora, como há mais observação, há pessoas mais atentas. Se calhar as pessoas esforçam-se mais e só apresentam também aquilo que acham que fizeram engraçado ou em condições.” – Rui, 35 anos

“Acho que é competição saudável, porque, ao fim e ao cabo, o que te faz arranjar clientes e que eles continuem a vir à tua loja, é a tua qualidade de trabalho, não é?! E acho que a competitividade vem mais por tu analisares o trabalho do outro e, se calhar, caíres na real e “epá, se calhar tenho que começar a dedicar-me mais ainda” porque pronto, cada vez mais as pessoas vão à procura do melhor trabalho. Logo, a partir daí a competição só tem que haver na qualidade de trabalho. Pronto, cada um que batalhe o que conseguir, não é?!” – Joel, 32 anos

Os entrevistados sentem-se à vontade com a concorrência, esta não é vista de forma negativa, apenas quando consideram que é concorrência desleal e antiética. Exemplo disto são os estúdios que abrem com preços abaixo dos praticados pela maioria das lojas. Mas, por outro lado, em relação a este facto os tatuadores também consideram que os clientes saberão fazer a melhor escolha e optar pela qualidade, não se deixando influenciar por preços baixos, tendo estes estúdios concorrentes um tempo de vida bastante curto.

Um tatuador que se torna conhecido através dos *media* é importante num ambiente de forte concorrência, mas também abre caminho para que o tatuador comece a ter novos tipos de clientes, incluindo pessoas mediáticas que procuram estúdios mediáticos (v.g. – jogadores de futebol e músicos). É comum vermos nos *sites* dos estúdios ou nas suas páginas nas redes sociais, fotografias e vídeos que demonstram a interacção entre os tatuadores e estas celebridades. Estas imagens atraem facilmente os “likes” da comunidade que os seguem. Assim, verifica-se que há uma forte relação entre concorrência, reputação e reconhecimento. “Ter nome” neste meio significa ter qualidade, ser um artista naquilo que faz, executar bons trabalhos e, simultaneamente, ter um estúdio conhecido, que vem logo à lembrança de quem deseja fazer uma tatuagem. Contudo, esta relação não é linear, o reconhecimento feito pelo consumidores de tatuagem pode não ser o mesmo dentro do *Art World Tattoo*.

2. Estratégias de profissionalização

Com a visibilidade social que ganhou através dos diferentes *media*, houve uma “abertura” do meio da tatuagem quer dentro, quer aos indivíduos de fora do meio, o que contribuiu para o processo social de transformação da sua prática de ocupação em profissão. Muitos deixaram de ser amadores nas suas práticas, tornando-se profissionais da tatuagem a tempo inteiro. Os jovens tatuadores têm muito presente nos seus discursos esta passagem:

“(...) Houve mesmo uma ligação de bom desenho à arte. Daí a tatuagem antiga e tradicional ter aquele estilo tão próprio e tão pouco, vá, desenvolvido em termos de artista. Era uma coisa muito simples, eram realmente só informação, pessoal que ia tatuar no corpo era informação, era tudo muito simbólico. Essa passagem, a mim, aconteceu há pouco tempo. Daí se poder dizer, se calhar, que a tatuagem é uma nova profissão, porque aí, sim, apareceu mais a profissão e ganhares dinheiro com isso. Tatuavas porque tatuavas e tinhas outro trabalho, ganhavas uns trocos, fazias aos amigos e... Agora sim, ainda não tens curso, mas precisas de ter um curso, precisas saber desenhar, senão não vais a lado nenhum.” – Miguel, 25 anos

“Podes dizer profissão! Hoje em dia já podes dizer profissão.” – Joel, 32 anos

De acordo com Rodrigues, Hughes afirma que o caminho da profissionalização é entendido como um “processo de afirmação de ocupações por oposição ou afastamento dos modos amadores de desenvolvimento da actividade” (1997:16). Esta prática tem vindo a passar por um processo de institucionalização, isto porque a abertura de lojas por profissionais passam por uma série de requerimentos de ordem jurídica, comercial e sanitária para a obtenção de licenças (Fonseca, 2003). Com estas novas imposições, várias mudanças tecnológicas, equipamentos e produtos foram produzidos especificamente para a tatuagem (máquina de tatuar, pigmentos, agulhas, entre outros), contribuindo a produção para a imagem do tatuador como profissional, e para a institucionalização da sua actividade como profissão. O discurso seguinte mostra-nos estas mudanças:

“Na altura lembro-me de nós todos sentados, ele estava a tatuar, o pessoal esperava. O gajo pousava a máquina, nem mudava os godés, naquela altura não mudava as tintas, não mudava as agulhas! Mas pronto, acho que ainda nem sequer tinha morrido o António Variações, que foi o primeiro caso de SIDA em Portugal. Inclusive na tropa, lembro-me na altura, a seringa era grande e o pessoal estava em fila. Vinha um à frente espetava a agulha em cada um, depois o outro chegava e treca, encaixava a agulha, cada risco era uma dose! Era tudo em fila, parecíamos carneiros, animais, era igual! (...) Tínhamos que fazer o material, tínhamos que soldar as agulhas e eu nunca fui muito bom a trabalhos manuais! Então era horrível, queimava as pontas dos dedos com os pingos de solda, era horrível.” – Gabriel, 43 anos

A máquina de tatuar eléctrica⁴ e toda a sofisticação à volta dos equipamentos, técnicas e produtos são um marco importante na afirmação da profissão de tatuador. Se não for utilizado material

⁴ Apesar da primeira máquina de tatuar eléctrica ter sido criada em 1891 por Samuel O'Reilly, sofrendo várias alterações desde então, esta só começou a ser utilizada em Portugal há poucos anos.

de qualidade, o tatuador não fará uma boa tatuagem, o que mostra como nesta profissão a tecnologia e o desenvolvimento das ferramentas de trabalho caminham lado a lado com a qualidade do trabalho desenvolvido. Inclusive, tem-se desenvolvido uma indústria paralela de material – *tattoo supplies*, em Portugal. A venda destes materiais está muito ligada aos estúdios de tatuagem, que abrem lojas especificamente de venda de produtos.

A par destas mudanças, o reconhecimento social e público da tatuagem tem sido fundamental para a passagem de uma prática tida como marginal para uma prática que começa a ser reconhecida mais além do que um mero serviço de inscrição no corpo. Actualmente, e tal como afirma Pérez, “investe-se na subversão dos valores, do *status* e do lugar social e cultural que têm caracterizado o exercício dessa prática por meio dos seus três componentes básicos: o tipo de usuário (antes restrito a uma população marginal e agora abrangendo todas as classes sociais), o perfil do tatuador (de amador a profissional) e o carácter da tatuagem (de estigma à obra artística)” (2006: 183). O status do tatuador elevou-se, posicionando-se este “no mercado como um novo tipo de profissional ou de experto empírico, que tem incidência e visibilidade social” (Fonseca, 2003: 27). Esta situação é o reflexo de um novo ambiente cultural, que se abriu ao “exótico” mercado das tatuagens e à afirmação de um novo profissional, ainda que à margem.

Segundo o paradigma funcionalista de Carr-Saunders e Wilson, “uma profissão emerge quando um número definido de pessoas começa a praticar uma técnica fundada sobre uma formação especializada, dando resposta a necessidades sociais” (Rodrigues, 1997:8). Esta profissionalização está ainda em processo de consolidação, é um percurso que ainda está a ser percorrido pela nossa comunidade de tatuadores. Os requisitos necessários para a existência de uma profissão, segundo Rodrigues, são: “uma especialização de serviços, permitindo a crescente satisfação de uma clientela”; “a criação de associações profissionais obtendo para os seus membros protecção exclusiva” e o “estabelecimento de uma formação específica fundada sobre um corpo sistemático de teorias, permitindo a aquisição de uma cultura profissional” (1997: 8). Estes critérios são cada vez mais facilmente identificados no dia-a-dia dos tatuadores, tal como se vai verificar ao longo deste trabalho.

Tal como refere Maroto (2011), os tatuadores, assim como os restantes *body-artists*, contam com estratégias utilizadas pelas profissões dominantes para garantir a sua subsistência. Não havendo uma jurisdição exclusiva sobre o seu trabalho, os tatuadores beneficiam do uso de estratégias de profissionalização, como a existência de regulação informal, de formação e de associação, por exemplo. Inicialmente os tatuadores mantinham o controlo através de mecanismos informais, onde se incluíam redes sociais bastante próximas. Mas as recentes mudanças de trabalho na área dos *body-artists* têm levado estes profissionais a incorporarem novas estratégias. As tradicionais formas de regulação não foram abandonadas pelos tatuadores mas estes estão a incorporar novas formas, integrando mecanismos informais com mecanismos formais, mantendo assim o controle da adesão ao meio e mantendo as normas existentes em tempos de mudança.

2.1. Regulação e medicalização

A arte corporal está a evoluir de uma subcultura desviante para um grupo profissional que serve cada vez mais pessoas (Maroto, 2011: 108). No entanto, a legislação portuguesa ainda não reconhece a profissão de tatuador. Um dos entrevistados contou que até 2009 no seu recibo de vencimentos aparecia na profissão “auxiliar de enfermagem”, em detrimento de tatuador⁵. Outro partilhou que há 7 anos atrás pensou abrir um estúdio com o “mestre”, para isso este despediu-o do estúdio onde trabalhava passando-lhe o papel para o fundo desemprego para este pedir apoio para a abertura de negócio próprio⁶. Este apoio não lhe foi dado, tendo esta recusa como justificativa que tatuador era uma profissão ilícita.

A consciência da existência desta lacuna está presente no discurso dos entrevistados, que procuram o reconhecimento enquanto profissionais. Estes consideram que a entrada de uma legislação específica vai contribuir para o aumento da qualidade, já que será uma forma de avaliar quem realmente são os bons profissionais, de acordo com normas de segurança e higiene, horários de trabalho (o tempo seguido que estão a trabalhar influencia a qualidade da tatuagem) e o próprio trabalho. Beatriz foi uma das entrevistadas que focou bastante esta necessidade:

“Portugal precisa de uma legislação que exija higiene, qualidade de esterilização, material. A tal da arte não pode ser julgada, uma lei não pode julgar alguém que sabe desenhar ou não sabe desenhar. Portanto, a única maneira de isto melhorar é com a legislação porque todo o mundo tem que ter condições de higiene e de material. Isto aconteceu em Espanha há uns anos atrás, também estava a haver muita gente mal tatuada. E só com uma legislação é que muita casa fecha, porque não mantém condições de higiene, não fazem a esterilização, não fazem nada. Não é que eles consigam tirar os maus tatuadores do mercado, mas como os maus tatuadores vão passar a ter gastos que muitas vezes não têm, como esterilização, recolhas e etc., vão ter que subir os preços. Quando sobem os preços, o cliente que não percebe nada já diz assim “então você cobra x mas o gajo ali que tem uma casa há 15 anos também cobra x. Então, já que o preço é o mesmo, até vou ver o que o outro faz”. Talvez assim comece a reduzir a quantidade de gente mal tatuada.” – Beatriz, 32 anos

Em 2008, o Partido Socialista apresentou um projecto de lei no Parlamento.⁷ Na exposição de motivos deste projecto de lei, a adopção de um regime para a instalação e funcionamento dos estabelecimentos de colocação de “piercings” e tatuagens tem como principal objectivo a definição de um “quadro de referência da qualidade que constituirá factor de protecção dos consumidores e de informação dos profissionais”. Um “quadro de referência” que “seja proporcionador de mais segurança” para os profissionais e consumidores. Este projecto de lei visava introduzir regras para o exercício da actividade de tatuador, no entanto, gerou algumas controvérsias e não avançou.

⁵ Diário de campo, 2/09/2010 - Tomás, 38 anos.

⁶ Diário de campo, 6/09/2012 – Joel, 32 anos.

⁷ Projecto de Lei N° 483/X (PS) - Estabelece o regime a que estão sujeitos a instalação e o funcionamento dos estabelecimentos de colocação de piercings e tatuagens.

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

Um exemplo de como se contorna a falta de legislação por parte do Estado, é a exposição do Certificado de Higiene e Segurança em alguns estúdios, para que os clientes possam confirmar que o local está de acordo com as normas. Estes certificados são passados por uma empresa que se dedica à Gestão Integrada de Resíduos Hospitalares – a Ambimed⁸.

Todos os estúdios de tatuagem deveriam fazer a recolha de material contaminado, das agulhas e dos resíduos que resultam do processo de tatuar (papel marquesa, lenços de papel, caps de tinta, etc.), o que só traz credibilidade ao estúdio e ao tatuador. Tatuar é uma actividade de risco, por isso a questão sanitária que a envolve é muito importante. A fiscalização praticamente não existe, por isso existe uma espécie de código de ética que regulamenta, implicitamente, a actividade. A questão da higiene contribui para a diferenciação entre tatuador profissional e tatuador amador – não são somente os conhecimentos técnicos e artísticos que o tatuador possui mas também os conhecimentos de natureza clínica e sanitária. Tal como refere Costa (2004), houve um processo de higienização da tatuagem. Este processo traduz-se num ritual que envolve toda a limpeza e decoração do estúdio – o uso de materiais descartáveis, o autoclave e a esterilização, as paredes brancas, entre outros; e também pelos cuidados prestados ao cliente – o uso de soro fisiológico e desinfectante para limpeza no final do trabalho, a utilização de pomadas anestésicas, uma quase prescrição médica para cuidados pós-realização da tatuagem. Alguns estúdios quase que se podem equiparar a um consultório de medicina dentária. A descrição de Simão é elucidativa:

“Paredes brancas, tudo branco. Acima de tudo, gosto muito do branco, porque o branco é uma cor que realça a limpeza. Qualquer coisa que esteja sujo, ou até mesmo pequenas gotas de tinta que estejam na bancada, nota-se logo. Qualquer tipo de sujidade nota-se.” – Simão, 27 anos

Tal como refere Ferreira, estas práticas “conferem um valor acrescido à legitimação social da sua actividade e respectivos resultados estéticos” (2010a: 244). Mas mais do que um processo de higienização, houve uma “medicalização” da tatuagem, que inclui uma conjugação de saberes específicos vindos da área da medicina a esse campo. Este processo está ligado à profissionalização e visibilidade da tatuagem. A Bayer, empresa da indústria farmacêutica, patrocina a Convenção de Tatuagens com um dos seus produtos, a pomada Bepanthen – o que mostra como a própria indústria farmacêutica começa a reconhecer a prática da tatuagem e a apoiar a sua medicalização. Todo o discurso “politicamente correcto” tanto dos tatuadores, como o que se encontra nos *sites* e revistas da especialidade, faz parte de uma estratégia para legitimar a profissão, ou seja, todo o discurso ligado à limpeza, higiene e a semelhança a um consultório médico (um espaço *clean*) são uma estratégia para legitimar este mundo como profissional. Esta relação de semelhança “além de gerar uma certa proximidade entre as duas práticas – a da tatuagem e a da clínica – sem dúvida ajuda a melhorar a imagem social da tatuagem, além de possibilitar a apropriação não só das características que

⁸ Ver anexo D – Exemplo de Certificado de Higiene e Segurança.

identificam o ambiente clínico, mas as sensações que estas evocam: confiança, tranquilidade e segurança em relação ao serviço que ali é oferecido” (Pérez, 2006: 183).

2.2. Associativismo e Convenção

Tal como já referido, perante a falta de legislação, os tatuadores procuram uma forma de distinção no seu campo profissional. A criação da *Associação Cultural Tatuagem e Body Art* em Agosto de 2010 é mais um exemplo. As associações podem ser definidas como agrupamentos de pessoas que se unem para a defesa dos seus direitos, para a propagação das suas ideias e realização de um objectivo comum.⁹ Desde há alguns anos a esta parte, os tatuadores nacionais têm se mostrado empenhados numa tentativa de associativismo, não tendo sido esta associação a primeira tentativa. Numa primeira geração de tatuadores, as rivalidades e quezílias eram visíveis ao ponto de não ter sido possível manter uma associação de tatuadores.

A criação desta nova associação demonstra as mudanças no meio e a vontade destes novos tatuadores profissionalizarem a sua actividade, começando pela produção de espaços de promoção de uma “consciência colectiva” enquanto classe profissional e artística. Tal como se pode ler no seu perfil no Myspace – *“Esta associação surge no seio da comunidade de Tatuadores e profissionais da Body Art que já há muito ansiavam por um núcleo onde pudessem desenvolver e criar projectos no âmbito destas manifestações artísticas milenares. É urgente criar e lançar novas plataformas de diálogo no seio da comunidade artística, reunindo e unificando diferentes manifestações artísticas, já tão embrenhadas no seio da arte e cultura urbana. A ACT&BA reúne vários estúdios e artistas que dedicam a sua vida ao aperfeiçoamento, divulgação, aceitação e desmistificação desta forma de arte que incentiva o diálogo entre o Homen/Corpo/Estética”*.¹⁰

A par da associação, vem a Convenção de tatuagens. Estas são duas plataformas que, de um ponto de vista institucional, têm vindo a sustentar e reforçar a identidade profissional dos tatuadores, enquanto “conjunto de representações sobre o seu próprio domínio de actividade” (Costa, 1988: 107). Isto é, um conjunto de normas, valores e representações dos tatuadores sobre si mesmos e sobre o acto de tatuar os outros enquanto prática profissional.

Anualmente, desde 2005, acontece em Lisboa o *Tattoo and Rock Festival*. Este festival, de carácter internacional, é de extrema importância no meio, já que durante o resto do ano os eventos de tatuagem que se dão no nosso país são apenas algumas festas ocasionais e locais, em estúdios de tatuagens. A Convenção é organizada por uma equipa pertencente a uma das lojas nacionais mais conceituadas e a sua divulgação é feita através de cartazes, *muppies*, painéis e pelos próprios estúdios, os que participam também fazem um pouco da divulgação junto dos seus clientes. É importante traçar

⁹ Dicionário Larousse de Sociologia, 1999.

¹⁰ <http://www.myspace.com/549767577>.

aqui, pelas palavras do próprio fundador da Convenção em Portugal, as origens e a história do *Tattoo and Rock Festival*. Também ele, de resto, o promotor da associação.

“Foi um bocado difícil, porque em Portugal ainda estávamos numa altura em que nunca tinha havido nada do género, as pessoas consideravam-se todas antagónicas. Como era um mercado pequeno, era tudo concorrência praticamente. Era difícil mobilizá-los. Aí, caiu um bocado a minha figura pessoal, de convencer toda a gente. Fui falando com toda a gente e consegui agregar uma boa parte dos profissionais, os mais conceituados. Hoje em dia, praticamente temos 100% das pessoas que deviam lá estar. Essas pessoas que representam alguma coisa neste universo da tatuagem em Portugal, tirando uma rara excepção. Começámos no Jardim do Tabaco, com 25 stands, cerca de 35 tatuadores. No ano a seguir, aumentou-se um bocadinho. Depois já não havia espaço, nem para o público, nem para os stands. No terceiro ano fizemos na Fundação de Oeiras, com dificuldades. Aquilo é um espaço que não tem condições nenhuma. E houve grande investimento a nível de tempo e de dinheiro para se conseguir fazer as coisas. Entretanto, tornou-se inviável continuar ali e, com algum investimento, conseguimos dar o salto para a sala Tejo do Pavilhão Atlântico, onde já fizemos 3 edições. Até agora estamos contentes com o espaço, embora seja algo dispendioso.” – Gabriel, 43 anos

Este festival trouxe benefícios para a tatuagem no país. A repetição das Convenções, enquanto espaço de sociabilidade, contribuiu para uma maior interacção entre tatuadores de diferentes estúdios do país, atenuando algumas divergências entre tatuadores rivais através da partilha do mesmo espaço (material e social). Com as Convenções tatuadores estrangeiros passaram a vir tatuar a Portugal, contribuindo para que a tatuagem nacional entrasse no circuito internacional.

A Convenção de 2010 foi um palco privilegiado de informação sobre diversos aspectos do meio da tatuagem. É importante começar por fazer uma breve descrição do que lá foi observado¹¹. Encontravam-se diferentes tipos de profissionais, com diferentes estilos e formas de tatuar. Havia uma total partilha dos vários espaços por tatuadores de diferentes lojas, os tatuadores visitavam e permaneciam nos espaços uns dos outros. Uma das tatuadoras referiu que lá se criam relações de amizade, nem que seja com os tatuadores que estão na “barraquinha” da frente e ao lado, porque estão 3 dias juntos e à conversa. Foi notável a abertura que demonstraram para falar sobre o seu trabalho e profissão. Apesar de este ter sido o sexto festival, em alguns pontos ainda se assemelhava a um *freak show*. Ouviu-se muitas vezes a expressão “circo das tatuagens” para falar do festival, isto referido pelos próprios tatuadores. O ambiente era informal, pouco profissional e, apesar do visível patrocínio da marca Bayer, muito pouco medicalizado – o que contrasta com a imagem que grande parte dos estúdios transmitem. Havia pessoas a ser tatuadas sem marquesas, algumas de pé em cima de mesas, outras deitadas nas mesas ou sentadas em bancos. Parecia não haver grandes cuidados e o aspecto clínico que se observa já na maior parte dos estúdios não era transmitido. Os tatuadores que já conhecia tentavam dar-me a conhecer apenas tatuadores com que se dão regularmente, parecendo que não queriam que conhecesse outros que lá estavam.

¹¹ Ver anexo E – Fotografias do *Tattoo and Rock Festival*.

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

Dias depois da Convenção, tive a oportunidade de conversar com um dos tatuadores mais antigos que referiu que o festival “é uma seca, já deu tudo o que tinha a dar”. Segundo este, a Convenção é “pregar para convertidos”¹². Isto porque a maioria das pessoas que vão à Convenção já são tatuados, os curiosos que aparecem não são muitos e apenas fazem perguntas relacionadas com preços e dor. Ou seja, ainda que o seu objectivo seja dar a conhecer o mundo da tatuagem ao público em geral, no fundo, a Convenção ainda é muito virada para a comunidade das tatuagens. É um importante momento de convívio que reforça a identidade conjunta daqueles indivíduos. Daí não haver a preocupação em manter o ambiente medicalizado existente nas lojas. Este tatuador referiu também que não aparecem trabalhos para fazer durante a Convenção, as tatuagens que lá fazem ao vivo são de pessoas que já vão das lojas com os tatuadores com esse propósito, para as tatuagens serem levadas a concurso. O aluguer de um *stand* custa 600€ e, segundo este tatuador, o lucro que lá se faz não chega para cobrir o aluguer (é de referir que entre alguns dos tatuadores entrevistados é comum a ideia de que na convenção apenas participam os melhores tatuadores, pois são quem tem dinheiro para alugar um *stand*). Mas neste discurso encontra-se um facto importante quando refere que só participa no evento porque, se deixar de participar e quiser voltar a ter um *stand*, vai ser muito complicado, é estar a fechar uma porta num mundo competitivo e difícil.

Nem todos os tatuadores participam na convenção, isto porque além de terem que pagar para participar, também têm que passar por uma fase de selecção. A qualidade artística é factor de selecção, tal como refere Gabriel:

“Uma das tarefas da convenção, é mostrar trabalho, é mostrar qualidade, mostrar o bem fazer, digamos assim. E essas pessoas são as que pronto, têm uma estrutura e uma qualidade artística que lhes permite ser seleccionados para estar ali. Pedimos para ver o trabalho antes de aceitar a candidatura. E pedimos logo o Myspace, o Facebook, um Fotolog, ou um site para verificarmos o trabalho. Depois conferimos se o trabalho é verdadeiro, é real. Vêm os estrangeiros e tudo, e vimos logo se aquilo é novo, se nos faz “uau, nunca vi isto, isto está bom, isto é engraçado, isto está diferente” e pronto, é a partir daí. O tatuador está a esforçar-se para fazer um trabalho de excepção, ultrapassa-se a si próprio para conseguir que aquela tatuagem seja aceite em concurso e depois de participar no concurso ganhe um prémio. E acho que toda a gente fica a ganhar com essa tentativa, essa superação de si próprio para melhor.”
– Gabriel, 43 anos

Por todo o mundo, nas convenções de tatuagem realizam-se concursos entre tatuadores e na Convenção portuguesa não é excepção. Muitos tatuadores ambicionam ganhar um dos concursos que lá se realizam. Os prémios são importantes para a reputação de um tatuador, é o reconhecimento de que é o melhor naquilo que faz. Na Convenção as melhores tatuagens são premiadas e os melhores tatuadores distinguidos por estilos de tatuagem.

Apesar dos seus aspectos positivos e negativos e das várias opiniões, a Convenção é de extrema importância na afirmação da profissionalização da tatuagem. Foi possível perceber que,

¹² Diário de campo, 21/09/2010 – André, 41 anos.

economicamente, a Convenção não traz qualquer vantagem financeira, comparativamente o trabalho diário dos estúdios. No entanto, os tatuadores esforçam-se bastante para participar na Convenção de forma a mostrar terem um determinado estatuto. Esta plataforma social, juntamente com a Associação, transparece o esforço de profissionalização – nomeadamente de consciência colectiva, identidade profissional, de abertura e institucionalização dos tatuadores portugueses, de dar visibilidade a um mundo cada vez menos fechado e “exótico”.

3. Percursos e motivações do profissional da tatuagem

O que leva estes indivíduos a optar profissionalmente por esta área? A vontade de fazer da tatuagem uma actividade profissional não é algo que surja desde muito cedo na vida deles. Ao contrário do que acontece muitas vezes com profissões artísticas, como o bailado, a música, o teatro, entre outras, nunca foi pensada nem descoberta esta vocação desde a infância. A maioria dos tatuadores não apresentou motivos concretos para a opção de tatuarem profissionalmente, apresentam maioritariamente como um “fruto do acaso”, tal como referem os seguintes tatuadores:

“Pá, sei lá meu, estava na Marinha deu-me uma branca e achei que queria tatuar e bazei. E já estava lá quase efectivo. Foi tipo um risco, que aquilo era um trabalho certo, deu-me assim na cabeça achei que queria fazer e fiz por isso.” – Sérgio, 30 anos

“Não é uma coisa que nasça, foi um acaso.” – Beatriz, 32 anos

Apesar da entrada na profissão acontecer “por acaso”, a variedade de contextos em que isso acontece é notável. Foram encontradas pessoas com diferentes trajectórias e experiências de vida, contudo há traços comuns nas suas motivações. É possível avançar com um conjunto de motivações presentes nos discursos dos entrevistados: viajar; liberdade a nível de tempo; não há *dress code*; permite usar tatuagens (o próprio corpo funciona como catálogo); ser o próprio patrão; vantajosa monetariamente; permite ser criativo. Em suma, é de destacar a independência, o cosmopolitismo, o lucro e a criatividade.

A independência é muito importante para os tatuadores, de forma a que possam vivenciar diversas situações que lhes permitam desenvolver capacidades técnicas e artísticas. Procuram ganhar a reputação no meio que lhes permita poderem tatuar aquilo que mais gostam, colocando de lado todos os pedidos que consideram pouco criativos e aborrecidos ou transferindo-os para os ajudantes. Um tatuador ao longo da sua carreira tem poucas oportunidades de mobilidade vertical, esta dá-se maioritariamente na horizontal (Sanders, 1989; Fisher, 2002), sendo que as aspirações destes trabalhadores, desde que entram na actividade, inserem-se em duas categorias – ter a própria loja e alcançar reconhecimento, hoje internacionalmente, enquanto artista.

É interessante o cosmopolitismo que os tatuadores encontram na profissão e a atractibilidade que tem para a entrada na profissão. É notável o valor do cosmopolitismo presente no discurso da

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

grande maioria dos entrevistados – importância da internacionalização, viagens, participação em convenções (seja como tatuador ou mero observador), tatuar no estrangeiro, *guest spots*, etc. Estes indivíduos, em especial os pertencentes à nova geração de tatuadores, consideram-se cidadãos do mundo e ambicionam passar por vários países em trabalho, enquanto membros de um circuito internacional. Revelam uma enorme curiosidade sobre diferentes culturas e como cada uma tem as suas próprias especificidades na arte de tatuar. É importante viajar, observar outros tatuadores, trabalhar com eles para poderem aperfeiçoar as suas técnicas de tatuar e inovar. O mercado da tatuagem pertence, hoje, a uma economia global, os nossos tatuadores frisam por diversas vezes a importância de uma cultura internacional da tatuagem. Tatuadores profissionais reúnem-se em encontros internacionais de tatuagem, circulam temporariamente por várias lojas além fronteiras, sendo reconhecidos a nível internacional. Os próprios clientes deixaram de ser só nacionais, há indivíduos de vários cantos do mundo que vêm ao nosso país só para se tatuarem com um profissional específico.

A carreira de tatuador assemelha-se a outras actividades que envolvem a prestação de um serviço especializado, assumindo algumas características artísticas (Sanders, 1989: 62). Esta é uma profissão economicamente vantajosa. O lucro é muito importante para estes tatuadores, entram neste negócio com a expectativa de um negócio rentável. Cada vez mais, a entrada no mundo da tatuagem é uma alternativa à falta de saídas profissionais, enquanto via para uma carreira estável, ou como forma de “biscate temporário” (Ferreira, 2006: 525) que acaba por alcançar um prolongamento no tempo e uma importância na vida destes indivíduos que nem eles mesmo esperavam. Tal como aconteceu com Miguel:

“Fiz o curso e não fiquei propriamente satisfeito com aquilo. Sempre gostei de tintas, de trabalhar com as mãos, com pincéis, sujar, pá manual, uma coisa menos estar a olhar para um ecrã, experimentar materiais novos, sempre foi aquilo que eu gostava. Às tantas eu acabei o curso, não queria fazer aquilo, vida de pintor não era para mim. E eu, mais um amigo meu que está aqui a trabalhar também, acabamos por os dois “olha, bora comprar umas máquinas a meias, procurar uma loja onde um gajo consiga arranjar alguém que nos ensine e aprender”. Basicamente foi esse o meu início. Nunca tinha pensado em vir para tatuador, nunca fui para aí além fã de tatuagem, a não ser como arte, como desenho, como pintura. E pá, obviamente é como um casamento quase arranjado, eu já me apaixonei e comecei a dedicar-me cada vez mais e a descobrir cada vez mais.” – Miguel, 25 anos

Uma ideia generalizada é que um tatuador é alguém que possui muitas tatuagens. No entanto, dentro dos entrevistados mais novos, já se encontram pessoas sem tatuagens no corpo ou então que só o tatuaram após a dedicação profissional à tatuagem. O que quer dizer que o contexto de profissionalização dos tatuadores está a mudar já que, actualmente, se verifica entre os novos tatuadores que estes já não têm de ser obrigatoriamente prévios consumidores de tatuagens. Apesar de haver espaço para casos destes, a ideia de que esta profissão é uma extensão de um estilo de vida continua bastante presente, pois “iniciados como consumidores rituais de marcas corporais e

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

terminando a marcar o corpo dos outros como meio de vida, estes jovens acabam por obter na sua actividade profissional uma peculiar fusão entre identidade e trabalho, entre o projecto de vida que construíram a partir da esfera do lazer e do consumo e o meio de vida necessário para a sua manutenção” (Ferreira: 2008: 73). Tal como no exemplo de Miguel, acima citado, depois de começar a aprender a tatuar, houve a vontade e necessidade de se tatuar. As tatuagens feitas no próprio corpo funcionam como uma espécie de catálogo profissional que demonstra a qualidade do tatuador, é uma “espécie de obrigação do produtor face à expectativa esperada no consumidor” (Ferreira, 2008: 78) e face às expectativas dos próprios pares. De uma maneira geral, há a necessidade destas pessoas estarem tatuadas para conseguirem uma melhor integração no meio. Alice, por não ter tatuagens, sente-se excluída deste circuito mais tradicional, ela própria não se identifica com ele:

“Visto eu não ter tatuagens, sou um bocadinho posta de parte. As pessoas olham-me de lado, tipo “é muito branquela, é muito conservadora”. Portanto, dentro do meio olham-me meio de lado. Mas pronto, o que é facto é que o meu trabalho já existe há 10 anos e tem sido sempre bom. Pelo menos eu não tenho reclamações.” – Alice, 38 anos

Para ela, a tatuagem é um modo de obtenção de rendimentos, nomeadamente tendo em vista um público-alvo que não é o consumidor tradicional de tatuagens. Tudo foi pensado ao pormenor como, por exemplo, a decoração do estúdio que foi projectada por um arquitecto, ao contrário dos restantes estúdios, onde a decoração vai sendo feita pelos próprios tatuadores, tornando-se um reflexo do “estilo” pessoal de cada um, nomeadamente do estilo de vida.

Crucial para a entrada nesta profissão é o contacto prévio com um tatuador. Ter contacto pessoal com um tatuador permite aos indivíduos terem consciência das oportunidades oferecidas pela carreira de tatuador e, simultaneamente, fornece conhecimentos técnicos e outros, fundamentais para se tornarem profissionais. Nestes casos, em que existe já uma relação pessoal de amizade com um tatuador, é comum que este por iniciativa própria mobilize o outro para que se torne seu aprendiz e se dedique à profissão, quando lhe reconhece algum tipo de talento.

4. Processo de aprendizagem – regulação informal da entrada

Actualmente já existem cursos de tatuagem e *workshops* (normalmente estes cursos têm a duração de três dias e incidem na maioria sobre as regras de higiene e segurança) e pode-se encontrar mesmo em *sites* na *internet* (v.g. – *Youtube*) vídeos que mostram como fazer uma tatuagem. Apesar destas novas formas de aprendizagem, a forma mais tradicional, ou seja, a transmissão de conhecimento entre mestre e aprendiz, é a mais recorrente e valorizada, fundamental para o início de carreira. Aprender o ofício baseia-se quase sempre num processo de aprendizagem em que os segredos são passados do tatuador para o aprendiz, por isso encontrar um tatuador que esteja disposto a ensinar e a trabalhar com um aprendiz é crucial para que consiga estabelecer-se no meio (Fisher, 2002: 97). Só assim o aprendiz consegue aprimorar habilidades na arte de tatuar e, posteriormente, inserir-se no

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

meio enquanto profissional. Este processo inclui a observação sistemática de um tatuador experiente, assim como receber as suas instruções e orientação. O início da trajetória de vida de um tatuador tem, portanto, como marco importante a procura de um mestre, ou seja, um tatuador experiente que esteja disposto a partilhar os seus segredos e técnicas. Não é fácil um aspirante a tatuador encontrar um mestre, a transmissão de conhecimentos desta arte é feita num circuito bastante fechado.

O encontro entre mestre e aprendiz pode ocorrer de duas formas distintas. É comum ser o aspirante a tatuador, ou apenas enquanto mero curioso, procurar um estúdio de tatuagem onde possa aprender mais sobre o ofício. Mas nem sempre é o aprendiz que procura um mestre, em alguns casos os próprios tatuadores são uma espécie de caça-talentos e, quando confrontados com bons desenhos, são eles próprios que seduzem o cliente para uma aprendizagem. Os exemplos seguintes são ilustrativos:

“Um amigo meu tatuador, gostava bastante da minha forma de desenhar. Então um dia, num tom de brincadeira durante o meu aniversário, ele estava-me a fazer uma tatuagem e perguntou-me se eu achava engraçado tornar-me tatuador. Na altura até não levei a proposta muito a peito, porque ainda só tinha 16 anos e ainda pensava muito na escola e outras coisas. Mas depois aquilo ficou-me na cabeça e tempo depois, passado umas semanas, decidi aceitar a proposta e decidi aceitar o desafio.” – Simão, 27 anos

“Estava numa loja de tatuagens e calhou verem os meus desenhos. Perguntaram-me se eram meus e eu disse que sim, ficaram curiosos e perguntaram se eu tinha mais desenhos para mostrar. Fui lá, mostrei. Isso aconteceu numa sexta-feira, segunda-feira estava a trabalhar lá. Ofereceram-me a aprendizagem e eu aceitei, foi um excelente deal” – Jorge, 40 anos

“Comecei por fazer algumas tatuagens e depois fui ganhando cada vez mais interesse sobre o assunto. Entretanto, fui à casa onde fazia as tatuagens perguntar se precisavam de alguém e tive a sorte de no momento precisarem e estarem interessados num aprendiz. Então propuseram-me fazer uns desenhos para ver até onde é que eu era capaz de ir, eles ficaram interessados e entrei para a equipa.” – António, 26 anos

Nesta profissão são necessários vários anos de prática, de observação do mestre e de produção, de forma a que os tatuadores consigam atingir um determinado grau de qualidade que lhes permita mostrar aos outros a sua competência e deste modo, conquistar o respeito dos outros tatuadores e profissionais do meio. Assim, a transmissão destes saberes envolve uma socialização de forma contínua, o que requer, tanto do mestre como do aprendiz, tempo, disciplina, habilidades cognitivas e manuais.

Esta relação entre mestre e aprendiz assume alguns contornos interessantes. Existe uma hierarquia bastante visível no interior das lojas entre o tatuador principal/mestre e os restantes membros. Os aprendizes tornam-se, grande parte das vezes, o segundo tatuador do estúdio. Atendem os clientes novos, ficam restringidos aos clientes que entram na loja sem uma referência específica, os *walk in*. Têm poucos agendamentos e fazem maioritariamente os pequenos trabalhos, considerados desinteressantes para o mestre e proprietário do estúdio. Actualmente, este é um universo que cada vez

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

mais se abre à partilha de conhecimentos e capitais, simbólicos e sociais. Não deixando esta partilha de estar circunscrita a uma mesma rede de sociabilidade, há que ter em conta que cada aprendiz se pode tornar um forte concorrente. Os aprendizes podem receber remuneração, pagos à comissão pelos trabalhos que fazem, geralmente mais baratos. Mas o que acontece frequentemente é que estes aprendizes não são pagos enquanto não adquirem um determinado nível técnico, estabelecendo-se uma relação em que o tatuador transmite ao aprendiz os seus conhecimentos e este em troca presta-lhe pequenos serviços. Assim, a relação mestre-aprendiz é uma relação que se baseia no fundamento dar-receber-retribuir.

Um tatuador que negue a existência de um mestre, possivelmente está a esconder o reconhecimento que deve ter por alguém que passou anos a desenvolver as suas capacidades na tatuagem e que se tornou habilitado a passar esses conhecimentos a outros. Isto na tentativa de que os outros sintam reconhecimento por ele, por ter conseguido aprender uma técnica complicada sem ajuda de ninguém, justificando assim uma aptidão e precisão natural para a tatuagem. Apesar de numa certa altura haver uma ruptura com o mestre, muitas vezes marcada pela saída do estúdio onde era aprendiz para montar o seu próprio estúdio, ou migrar para um estúdio diferente numa posição social mais favorável, o sentimento de obrigatoriedade em retribuir a aprendizagem e o apoio perdura além do tempo. Sérgio é um destes casos:

“Trabalho todos os dias da semana. Vou folgando, uma vez por outra tiro uns dias, porque eu também trabalho noutra loja ao domingo. Mas aí não trabalho tanto pelo dinheiro, trabalho na loja do gajo que me ensinou. Mais por consideração àquela pessoa, porque ele precisa de ajuda e ele também me ajudou. E não vou estar a dizer que não porque tenho uma grande consideração por ele. E se tatuo hoje e se vivo só disto, é também graças a ele. Quero ir trabalhar para lá uns anos para retribuir isso.” – Sérgio, 30 anos

Todo este sistema de aprendizagem é uma das estratégias informais utilizadas pelos tatuadores para regularem a entrada de elementos no meio. Numa altura em que o acesso ao material de trabalho é muito facilitado, bem como o acesso *on-line* a aprendizagem de algumas técnicas de tatuagem, os mestres são, eles próprios, *gatekeepers*, especialmente os donos dos estúdios, já que são eles que mantêm os padrões e convenções, certificando-se que os novatos seguem as normas e as regras que vão desde a esterilização de todo o material não descartável, até à exigência estética no trabalho concreto (Maroto, 2011: 113).

Para além da formação informal com o mestre e do domínio da técnica de tatuar, comum à maioria dos entrevistados, hoje em dia, é a ligação às artes ou pelo menos o gosto pelo desenho antes de se tornarem tatuadores profissionais:

“Tatuar é mais fácil! Para mim foi mais fácil, é claro que tem que saber fazer, entendeu? Mas é uma coisa que, como eu já sabia desenhar e gostava, é muito mais fácil do que ter que fazer contas.” – Diogo, 25 anos

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

“Sempre gostei de desenhar desde pequenino. Desde os primeiros dias que se pega numa caneta que eu comecei a desenhar bugs bunny’s e por aí a fora. Isso é só mesmo uma evolução do papel para a pele, é só.” – José, 36 anos

Dominar o desenho é uma forma destes indivíduos legitimarem a sua pretensão em se tornarem tatuadores, sendo também, cada vez mais, uma exigência em termos das competências requeridas profissionalmente. Os tatuadores mais novos têm, de facto, a vantagem do domínio do desenho e de uma mão treinada, competências que a maioria dos tatuadores antigos não tinham. O que lhes dá maior facilidade em conseguir um mestre que os ensine, contribuindo também para que a sua aprendizagem seja mais rápida. Simultaneamente, estes novos agentes trouxeram inovações ao processo de tatuar, ao nível das técnicas, gráfico e dos materiais e respectiva utilização.

Capítulo II - Tatuagem e as suas relações com a arte

1. A presença de novas formações no *Art World Tattoo*

Nos últimos anos, a tatuagem tem-se desenvolvido em termos de criatividade e inovação graças a uma nova geração de tatuadores com um novo perfil de formação no campo artístico (frequentemente áreas de estudo ligadas às artes plásticas e ao design) e prática no desenho, seja formal ou informal (Ferreira, 2006; Atkinson, 2003; DeMello, 2000; Sanders, 1989).

O *graffiti* e a aerografia¹³ são recorrentes no percurso de vários dos entrevistados mais jovens. Muitos *graffiters* tornaram-se tatuadores e, conseqüentemente, muitas tatuagens têm uma clara intervenção do *graffiti*. Pessoas que compartilham o gosto pelas tatuagens e pelos *graffitis*, optam por tatuar *graffitis* nos seus corpos e por este motivo, este já se tornou um estilo de tatuagem. Há um paralelismo entre o *graffiti* e a tatuagem enquanto inscrições feitas em diferentes materiais – tanto a pele como as paredes e os muros das cidades são materiais com forte poder de comunicação pela visualidade que trazem consigo (Campos, 2009). A tatuagem e o *graffiti* têm pontos em comum: ambas as práticas ainda são alvo de preconceito, não exigem formação académica específica (apesar da forte ligação encontrada de quem as pratica às artes) e têm uma finalidade de âmbito estético. Não obstante, quando tatuadores, o *graffiti* e a aerografia acabam por ficar em segundo plano, as latas de spray são substituídas pelas agulhas e máquinas de tatuagem. Cursos de Ilustração, BD, Design de Moda e Gráfico, e Arquitectura também fazem parte da formação de parte dos mais jovens tatuadores entrevistados.

A formação artística, tal como a experiência anterior nestas áreas, permite ao profissional executar com mais facilidade trabalhos de tatuagem, já que lhe permite ter a noção de profundidade, de cor, de dimensão, de traço, etc. Quando entram no meio artístico da tatuagem, estes indivíduos levam consigo o seu estilo de desenhar e pintar, adaptando-o à tatuagem, mas mantendo o essencial que marca o seu estilo no desenho. Estes vieram elevar “o grau de exigência estética da iconografia marcada, e enfatizando nas avaliações de qualidade deste meio de expressão não apenas a competência técnica, mas também a inovação do conteúdo do design” (Ferreira, 2008: 94).

Deste modo, com a nova geração de tatuadores e influências de outras áreas, deparamo-nos com a tatuagem em constante evolução. Em oposição às tatuagens *old school* ou outras de carácter mais banal, surgem tipos de tatuagens inovadoras e criativas, seja pelos desenhos, seja pelo tipo de materiais utilizados, seja pelas próprias técnicas praticadas (o enrugar a pele, o fazer tatuagens a dois, etc.). Exemplo disso são os seguintes tipos de tatuagens: tatuagens a 3D – criam ilusões de óptica através do sombreado usado e conseguem uma grande aproximação da realidade; tatuagens biomecânicas – são uma mistura do corpo humano com as máquinas, uma fusão entre homem e tecnologia; tatuagens abstractas – desenhos abstractos que lembram pinceladas em tela com um carácter contemporâneo; tatuagens fluorescentes – tal como o nome indica, são feitas com tinta

¹³ Técnica semelhante ao *graffiti* utilizada em capacetes, motas e carros, entre outros.

fluorescente e brilham com a incidência de luz ultravioleta; tatuagens brancas – a tinta utilizada é branca (com uma espessura diferente das restantes) e as tatuagens ficam muito suaves na pele, assemelham-se às escarificações.¹⁴

“Originalidade, inovação, novidade são valores essenciais da arte de hoje” (Menger, 2005:9) e que estão fortemente presentes nas representações actuais que os tatuadores têm do seu próprio trabalho. É por isso essencial perceber que especificidades distinguem e aproximam a profissão de tatuador de outras formas de trabalho, assim como a importância da inovação, da originalidade e do talento profissional e artístico para a renovação da própria área. Semelhante ao estudo *O mundo da arte jovem: protagonistas, lugares e acção* “os poucos que se consideram artistas, destacam qualidades evocadoras do perfil romântico de artista: originalidade, sensibilidade, criatividade” (Martinho, in Santos *et al.*, 2003: 63).

Numa sociedade que cada vez mais aspira o progresso e a inovação, a criatividade é uma palavra que está na ordem do dia e que cada vez mais se liga a novas profissões ou a profissões a que não estava tradicionalmente associada. A noção de criatividade pode ter diferentes significados, é polissémica, isto é, sujeita a várias opiniões e teorias. No relatório *The Impact of Culture on Creativity* (2009), é proposta uma definição consensual de Teresa Amabile, em que esta considera que um produto é criativo quando os peritos no domínio consideram que é criativo, o que significa que a adequação é definida por grupos sociais e é cultural e historicamente determinada.

Criatividade e inovação andam de “mãos dadas”. A capacidade para inovar está muito ligada à criatividade, enquanto atributo pessoal desenvolvido com base em capacidades interpessoais e valores culturais. A noção de criatividade requer um entendimento dos níveis cultural, individual e social, na medida em que depende de habilidades pessoais, competências técnicas e de um ambiente social propício ao incentivo da originalidade. Segundo Alencar & Fleith (2003), a originalidade é atributo do processo criativo. As autoras identificam duas dimensões que atravessam a noção de criatividade: “uma das principais dimensões presentes nas mais diversas definições de criatividade propostas até o momento diz respeito ao fato de que criatividade implica emergência de um produto novo, seja uma ideia ou invenção original, seja a reelaboração e aperfeiçoamento de produtos ou ideias já existentes”; a outra “também presente em muitas das definições propostas é o fator relevância, ou seja, não basta que a resposta seja nova; é também necessário que ela seja apropriada a uma dada situação” (2003:13).

Criar requer habilidades técnicas, de carácter artesanal. Mas, segundo os legitimadores do mundo da arte, para que o trabalho seja considerado arte é necessário que o artista contribua com mais do que apenas essas habilidades para o produto final, devendo também haver habilidades criativas que dão ao produto final um carácter único e expressivo (Becker, 1982: 272). Isto vai ao encontro do que actualmente se encontra no mundo da tatuagem: além da boa execução da tatuagem é preciso investir nela criatividade de forma a fazer a cada pessoa uma tatuagem única. Habilidades pessoais,

¹⁴ Ver anexo F – Exemplos de tatuagens.

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

competências técnicas, imaginação, inovação, entre outras, são requisitos de um bom tatuador que pretenda atingir o estatuto de artista na área. Requisitos que se expressam perante uma situação específica, através do modo como o profissional gere os vários recursos que detém naquele momento (ideia do cliente, desenho, técnicas, etc.):

“A criatividade também passa um bocado por o background de quem está deste lado. Ou seja, cada vez que tens um cliente, tens um problema para resolver. E a criatividade passa por isso, resolver um problema, ou seja, seres criativo a resolver o problema daquele cliente. Ora, se tu não tens um background suficientemente forte, ou seja, teres muito conhecimento quer de imagem, quer de desenho, tu não tens background suficiente para resolver aquele problema. E então passa por aí.” – José, 36 anos

O *freehand* é um processo de criação bastante valorizado em toda a comunidade da tatuagem. Este representa a consagração máxima, a total confiança do cliente no trabalho (tanto pericial e técnico, como gráfico) do tatuador. O desenho é feito directamente na pele do cliente, sem decalques. Sobre o *freehand*, Leitão afirma que “comparando a tatuagem às artes plásticas ouso dizer que o valor dado a um desenho livre de um tatuador famoso equivaleria a uma pintura de um grande artista” (2003: 85). O valor do tatuador que consegue criar uma obra única é muito alto e os *freehand* “são desenhos únicos que têm outro carácter e expressam esta ideia de individualidade do artista e da obra única” (Leitão, 2004: 18).

“Uma coisa é chegares a um sítio e fazeres uma tatuagem escolhida de um catálogo. Outra coisa é agarrares numa caneta, a pessoa diz te que quer um escorpião ou uma borboleta, indiferente. Tu agarras numa caneta directamente na pele da pessoa e desenhavas ali qualquer coisa. Criaste qualquer coisa e a pessoa bateu o olho no espelho e diz ‘não, é mesmo isto, podes continuar’. Tem que se ter muita criatividade para conseguir fazer um freehand.” – Bernardo, 31 anos

Dois jovens tatuadores nacionais, ambos com formação em *Design*, criaram um tatuador imaginário, sendo este um projecto em que juntos produzem uma só tatuagem, num processo onde os dois, ao mesmo tempo, participam desde a criação do desenho até à finalização da tatuagem.

“Criei agora uma espécie de identidade com o meu colega, que se chama ‘Valete’. Já é uma inovação porque não há, que eu conheça, em Portugal. Somos dois tatuadores a trabalhar como um só. O nome dos dois passou a ser ‘Valete’, não há o ‘Miguel’ e o ‘Joaquim’. Somos duas mãos e duas máquinas num só trabalho. Já existe art fusion lá fora, e mesmo cá dentro alguma coisa, mas faz-se uns quadrados grandes e cada tatuador trabalha ali ou um faz uma metade e outro outra metade, mas não um só trabalho em que alguém olha e diz “bem aquilo foi só uma pessoa a fazer”, porque não há dois estilos ali. Portanto, isso é que acho que é o meu trajecto, ir buscar algumas coisas para a tatuagem, não quer dizer que não foram buscá-las, mas que ainda não estão desenvolvidas.” – Miguel, 25 anos

Estes dois tatuadores pegaram em algo que já se faz noutros países mas que em Portugal ainda não, de forma a conseguirem-se distinguir dos demais. Criaram assim uma identidade própria, que lhes

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

deu, por exemplo, entrada directa na Convenção de Tatuagens. Apesar de serem jovens tatuadores, ainda considerados aprendizes, o projecto inovador que apresentaram foi um chamariz e trouxe-lhes visibilidade que em situação normal não teriam.

Ora, ligado à ideia de originalidade e inovação aparece a procura pela individualização, como o projecto acima descrito deixa patente. Actualmente, há uma procura por tatuagens originais, desenhos exclusivos que marcam quer a singularidade do seu autor, quer a individualidade do cliente. As tatuagens funcionam como marca de identidade, seja ela individual ou de filiação a um grupo ou estilo de vida específicos. Assim, “a decoração corporal pode ser uma importante manifestação de identidade própria e ao mesmo tempo um marcador de uma identidade social passível de ser reconhecida pelos outros” (Giddens, 2004: 30). A tatuagem como processo de personalização do corpo, pode ser vista também como um processo de afastamento cultural onde, supostamente, o indivíduo reconquista o poder sobre a sua identidade. “A aparência corporal tem constituído, desde sempre, um aspecto central da identidade social, das categorizações e do valor que os outros nos atribuem, bem como da forma como nos percebemos e nos avaliamos a nós próprios” (Ferreira, 2006: 52).

Na sociedade contemporânea o acto de tatuar converteu-se numa forma específica para a construção de uma identidade diferenciada, marcada na própria pele: “ainda que evoquem folcloricamente formas ancestrais, nas sociedades contemporâneas as marcas deixaram de corresponder a signos estatutários passando a corresponder a signos identitários semioticamente flutuantes, ambíguos e desconcertantes, ancorados a biografias individuais feitas de decisões e opções pessoais, assinalando momentos, situações e vivências que consubstanciam uma existência particular, revelando também estéticas e éticas de vida que se pretendem diferentes e alternativas ao padrão dominante” (Ferreira, 2006: 219). As tatuagens são então um recurso expressivo que pretende marcar e demarcar corporalmente um mundo de singularidades identitárias, pois os seus desenhos testemunham a singularidade do indivíduo, as suas relações pessoais únicas, as suas aquisições e o seu gosto pessoal.

Uma tatuagem única e inovadora não distingue apenas o indivíduo que a traz no corpo, distingue também quem a tatuou. E são os trabalhos exclusivos que os tatuadores mais gostam de realizar. Estas tatuagens são um desafio para o tatuador, tem que criar a partir das ideias do cliente, ao mesmo tempo que cria um estilo próprio. Um tatuador, para ser um profissional de destaque e um artista da tatuagem, tem que desenvolver e ser reconhecido no meio pelo seu estilo próprio, que se distinga dos restantes. Tarefa árdua de realizar, num mundo em que a tatuagem se vê sujeita a exigências de mais criatividade, mais inovação, mais singularidade e individualização.

2. Tatuador-Artista vs. Tatuador-Artesão

Quando se conversa com tatuadores, a expressão “arte de tatuar” surge de forma constante. Aqui a palavra arte é usada num sentido mais geral, descreve a habilidade para a actividade. De que habilidade se fala? Tatuar traduz-se no processo de introdução de pigmentos de tinta na pele de modo a que um desenho permaneça permanentemente no corpo. Ou seja, fala-se de habilidades técnicas que passam pelo domínio da aplicação de um desenho na pele, mas também de habilidades gráficas, relativas à concepção da ideia do cliente na forma de desenho a tatuar. Existe uma representação dominante do que é um bom tatuador – é aquele que domina a técnica de tatuar a pele, desenha bem, está sempre a treinar e a aperfeiçoar a técnica, ou seja, técnica e habilidade para o desenho são os principais pontos fortes de um bom profissional – a arte de tatuar é isto.

O sistema das artes “enquanto sistema segmentado e hierarquizado de acção colectiva que integra vários agentes e instituições com papéis diferenciais desempenhados em esferas elas próprias diferenciadas” (Ferreira, 2008: 97 citando Melo, 1994), começou a reconhecer a legitimidade de algumas artes de fronteira, tal como as tatuagens. Há cada vez mais novos horizontes e territórios estéticos para a produção artística, os artistas vêem a arte como um universo aberto e sem fronteiras, o que está a levar ao colapso das clássicas distinções entre cultura cultivada/cultura popular, entre outras, surgindo assim classificadas como artísticas inúmeras actividades que no passado nunca seriam consideradas arte. No entanto, enquadrar os tatuadores profissionais no mundo da arte não é tarefa fácil. Tal como ao longo da história tem havido dificuldades em definir a própria categoria de artista (Moulin, 1983). Dentro do *Art World Tattoo*, a concepção do que é um bom tatuador, e por consequência, do artista da tatuagem, sofreu uma evolução nos últimos anos – equiparando-se ao processo de evolução do artesão a artista descrito por Moulin¹⁵.

Mas quem são, hoje em dia, os tatuadores-artistas num meio que está a ser renovado por novos profissionais provenientes, nomeadamente, de cursos de formação artística? No meio da tatuagem nacional, encontram-se alguns nomes de tatuadores admirados pelos restantes, por apresentarem capacidades artísticas reconhecidas como únicas – característica que lhes dá credibilidade e reputação. Estes tatuadores são reconhecidos como singulares, seja no traço que usam nos desenhos, pela forma como usam as cores, pelo sombreado, contrastes, etc. O trabalho destes profissionais tem um elevado valor simbólico quando comparado com os outros tatuadores. Estes tatuadores tornam-se uma referência no meio, assim como os seus estúdios e as suas tatuagens ganham um valor económico acima da média, sendo, nestes casos, o tatuador que escolhe que trabalho quer executar, não o cliente que escolhe o tatuador. Miguel, ao falar do seu mestre, dá-nos conta desta situação:

“Tens tatuadores como o ‘Alex’, 90% dos clientes dele são esses que só tatuam com ele e que lhe arranjam então o amigo, a prima, o tio. O ‘Alex’, que é sem dúvida a pessoa mais

¹⁵ Para uma abordagem aprofundada sobre a evolução da categoria de artista, consultar o trabalho desenvolvido por Raymonde Moulin, “De l’artisan au professionnel: l’artiste”, 1983, *Sociologie du Travail*.

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

procurada aqui na loja, o mais procurado talvez aqui na zona e arredores, é um dos melhores tatuadores nacionais, talvez o mais premiado. Ele não faz o walk in, aquela pessoa que entra e diz “olha, quero fazer isto agora”, não faz esse tipo de trabalhos.” – Miguel, 25 anos

Vários tatuadores pertencentes à geração profissional mais recente, referiram que um dos tatuadores pioneiros em Portugal, reconhecido como um dos melhores e vencedor de vários prémios, não merece esse reconhecimento, porque não evoluiu na sua forma de tatuar, tanto técnica como gráfica, é apenas muito bom no seu traço. Este exemplo é representativo da evolução do conceito de bom tatuador e artista da tatuagem. De acordo com os tatuadores mais antigos, um bom tatuador é aquele que domina perfeitamente a técnica de tatuar, aquele que faz bem o seu trabalho. Alguns tatuadores focaram várias vezes que, enquanto um pintor pode cometer erros e corrigi-los, um tatuador não o pode fazer, tem que trabalhar com perfeição. Nas tatuagens não pode haver erros, um bom tatuador não pode cometer erros porque está a pintar na pele algo definitivo que não pode apagar e voltar a fazer. O que distingue o tatuador enquanto artista, é a perfeição, associada à singularidade do traço tatuado, do autor. O tatuador é reconhecido e admirado pelo seu traço, que pode conferir prestígio ao tatuador se significar qualidade no trabalho. Os tatuadores facilmente conseguem identificar o autor de uma determinada tatuagem pelo traço desta. Este virtuosismo, na tatuagem, traduz-se assim numa forte capacidade de domínio sobre diversas técnicas e materiais para picotar a pele. Os profissionais da antiga geração inserem-se na categoria de tatuadores-virtuosos, isto porque sentem orgulho na mestria com que realizam o seu trabalho, o que lhes garante o reconhecimento pelos seus colegas de profissão assim como pelos indivíduos de fora do meio. E este é o artista da tatuagem para os profissionais mais antigos.

Entre os tatuadores mais jovens, o tatuador-artesão (virtuoso) foi substituído pelo tatuador-artista (criativo). Ter formação no desenho apresenta-se como uma pré-condição para se ser, hoje, um bom tatuador. Um tatuador pode dominar a técnica, realizando trabalhos de enorme qualidade, mas pode não ser considerado artista da tatuagem – segundo os padrões definidos, os seus trabalhos não possuem excepcionalidade artística, é apenas classificado como bom tatuador. Mas o virtuosismo técnico não deixa de ser valorizado. Tal como Becker refere “um especialista com um bom domínio técnico consegue trabalhar os materiais relativos ao seu ofício como deseja. Faz deles o que quer, trabalha com segurança e rapidez e cumpre sem qualquer dificuldade as tarefas mais difíceis, ou impassíveis, aos olhos dos artesãos menos experientes” (1982: 230). Citando Andrade, “artista que não seja ao mesmo tempo artesão, quero dizer, artista que não conheça perfeitamente os processos, as exigências, os segredos do material que vai mover, não é que não possa ser artista (psicologicamente pode), mas não pode fazer obras de arte dignas deste nome. Artista que não seja bom artesão, não é que não possa ser artista: simplesmente, ele não é artista bom” (1975: 12). Não obstante, reforça-se aqui a ideia de que o virtuosismo técnico tende a ser mais valorizado pelos tatuadores mais velhos em detrimento da inovação gráfica e do desenho. É a criatividade do profissional da tatuagem que aliada à técnica, faz com que se destaque, dando origem ao artista e à tatuagem artística. A técnica de cada

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

tatuador e as suas capacidades de inovação e criatividade, fazem um trabalho de qualidade ser reconhecido no meio como “artístico”. Aliado a estes dois pontos aparecem ainda frequentemente ressaltados o respeito pelas regras de higiene e segurança e o cuidado e respeito para com o cliente.

“Desenhar muito bem, treinar muito, também não nasce a saber desenhar, treinares muito o desenho. Vocacionares-te numa coisa, ou seja, faz aquilo que és bom a fazer, explora isso, desenvolve isso. E honestidade, “eu não consigo fazer isso, não vou fazer”, honesto com o cliente e contigo próprio. Saber falar com as pessoas, saber desenhar e treinar muito, acho que são as principais, ou pelo menos para mim é.” – Miguel, 25 anos

Saber desenhar bem, ter higiene no trabalho, ser responsável com os trabalhos que se aceitam fazer, não querer fazer mais do que aquilo que se consegue a não ser que se tenha preparado muito bem o trabalho para avançar para um outro nível. Saber respeitar a dor das pessoas porque é uma coisa que faz um bocado de dor, não é?” – Maria, 36 anos

“Ser rigoroso, tem que saber desenhar muito bem, tem que conhecer bem as máquinas com que trabalha. Ah e ser muito profissional acima de tudo, em todas as áreas, não é? (...) E tudo isso é importante, a atenção ao cliente é muito importante. E pronto, depois ter os cuidados na execução da própria da tatuagem, os cuidados todos desde respeitar as regras de saúde e tudo, tudo, tudo.” – Gabriel, 43 anos

À luz da teoria de Becker, o profissional que se insere no que foi atrás referido, denomina-se por *artist-craftsmen*, por ser um tatuador que se diferencia dos restantes pela inovação, originalidade e perícia provocando admiração e respeito naqueles que vêem o produto final. Estes diferem dos artesãos, uma vez que valorizam a inovação estética da produção enquanto os primeiros valorizam sobretudo o “virtuosismo” da reprodução. Assim, o termo “artista” aplicado ao tatuador da nova geração parece funcionar como uma elevação do estatuto artístico de artesão, derivado ao seu olhar estético influenciado pela sua criatividade e subjectividade.

No profissional da tatuagem ainda se encontra a dualidade entre o artesão e o artista. Fazer uma tatuagem é uma prática artesanal onde, simultaneamente, cada vez mais, há uma procura da inovação e ideias originais, e o mérito artístico é reconhecido ao tatuador que mais apresenta ambições a este nível. Gustavo é um dos tatuadores que tem consciência deste facto e faz a distinção entre o *tattoo work* e o *tattoo artist*:

*“Considero-me um tatuador. É mais fácil explicar pela definição em inglês porque há *tattoo artist* e há *tattoo work*, então lá está, eu considero-me um tatuador e não um artista porque apesar de adorar a arte considero-me, talvez, como se fosse o artesão. Não sou um artista.” – Gustavo, 22 anos*

Tendo em conta a nova geração de tatuadores, que valoriza sobretudo a habilidade para o desenho, identifica-se uma hierarquia nas representações que os tatuadores têm uns dos outros: no topo encontra-se o tatuador-artista, seguido do bom tatuador, ambos opostos ao mau tatuador. Esta distinção é feita com base nas diversas qualidades detidas por estes profissionais. Os bons tatuadores, neste caso, os “virtuosos”, fazem excelentes cópias, mesmo de desenhos complexos, têm qualidades

técnicas excelentes, ou seja, uma mão perfeita. Estes são equiparáveis aos artesãos comuns, preocupados em fazer um bom trabalho e ganhar a vida. O tatuador-artista é o criativo que cria os seus próprios desenhos, aptidão indispensável para subir na carreira e é mais ambicioso nos seus objectivos de trabalho. O tatuador-artista consegue desenvolver a sua própria interpretação do projecto, usando um estilo singular, assemelhando-se então ao *artist-craftsmen* de Becker. A concepção contemporânea de artista está aqui presente, não como criador totalmente livre mas como produtor de obras únicas, dotado de aptidão para criar. Nesta hierarquia ainda nos aparece as conotações de grande artista ou génio, para os tatuadores cuja excelência e criatividade são consideradas como difíceis de alcançar pelos seus pares.

A maioria dos entrevistados não se identifica de imediato com a conotação de artista¹⁶ mas consideram que fazem arte. O ser artista depende da sua reputação individual. A maioria dos entrevistados não tem referências artísticas, apenas os que têm uma formação artística sólida, e o conceito de artista apresenta-se como algo muito vago. Mas apresentam um discurso baseado na criatividade, no desafio de pegar na ideia do cliente e passar para o papel, muito mais do que passar o desenho para a pele, ou seja, valorizam muito mais o desenvolvimento gráfico de uma ideia do que a técnica de o passar para a pele. Ao analisarmos o porquê de se considerarem artistas, percebe-se que é por que também o seu trabalho implica o acto de criar, sobretudo a nível do desenho. Assim, para os artistas da tatuagem, a ênfase é colocada sobre o criador e a sua habilidade no desenho, ou seja, sobre a dimensão criativa e inovadora do seu trabalho gráfico e as características que o podem aproximar do campo da arte.

“Consideras-te um artista? Sim. E porquê? Porque crio. Quando a gente consegue criar, a gente consegue se colocar nesse meio de artista. Quando se cria, quando se tem talento para isso, sim, acho que sim!” – Tomás, 38 anos

“São artistas quando desenhavam, quando pintavam, quando criavam e fazem o que lhes apetece. Por exemplo, aqueles trabalhos excepcionais que vêm de dentro deles, aí são artistas. E esses normalmente são os melhores tatuadores, são os que sabem criar e tatuar.” – Gabriel, 43 anos

Neste contexto, é ainda importante abordar as representações de quem diz ser artista antes de começar a exercer a tatuagem. Já aqui referi o percurso ligado às artes de vários dos tatuadores entrevistados, especialmente dos tatuadores de nova geração. Quem tem já um percurso numa área artística, tem uma outra representação do que é ser artista, e são estes que de imediato se autodenominam como tal. Miguel e Maria são dois destes casos. Eles consideram-se a si próprios artistas porque têm formação em áreas artísticas, a tatuagem nas suas vidas foi algo que veio a posteriori e um meio onde podem expressar essa sua condição de artista. O que difere um pouco do tradicional artista da tatuagem, que aprendeu a desenhar no âmbito desta prática.

¹⁶ Tal como no estudo *O mundo da arte jovem: protagonistas, lugares e acção*, coordenado por Maria de Lourdes Lima dos Santos, que aborda, entre outros assuntos, a constituição do sujeito artístico, em que são entrevistados diversos profissionais das áreas do Design, Fotografia, Joalheria, entre outros.

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

“Já me considero artista muito antes da tatuagem porque faço arte. Já me considero artista porque desenho, porque pinto. Estou ligado à música também. E sempre me incluí como artista. É uma coisa tão abstracta, ser artista ou ser arte. Eu considero-me e daí para a frente é mesmo só isso.” – Miguel, 25 anos

“Consideraste uma artista? Sim, quando estou a pintar as minhas aguarelas ou a desenhar as minhas roupas e as minhas malas, sim! Porque é que te achas uma artista? Eu não me acho, eu sou! Eu formei-me em artes! A veia artística está cá. Se és fotógrafa e se fazes fotografia livre, uma fotografia criativa, és um artista. Uma pessoa que pinta quadros é um artista plástico e então, nesse caso, eu sou uma artista, uma artista plástica.” – Maria, 36 anos

Por outro lado, alguns tatuadores não se julgam merecedores da conotação de artista, isto porque ainda têm um longo percurso de aprendizagem por percorrer e uma determinada reputação por alcançar:

“A nível da tatuagem, ainda não me considero um artista, uma pessoa está sempre em aprendizagem. Não sei se um dia vou chegar a ser, mas pelo menos vou tentar fazer o meu melhor.” – Rui, 35 anos

A construção social da sua identidade enquanto artista, parece assim “jogar-se mais no pólo da individualização (diferença dos outros) do que no da identificação (igualdade com os outros)” (Tota, 2000: 89). Os desenhos feitos em *free hand* ou os desenhos que são feitos especialmente para um cliente, são desenhos únicos que expressam esta ideia de individualidade do artista e da obra única. Tal como afirmou um dos pioneiros da tatuagem em Portugal, “tatuagem é gostar de arte ao ponto de a marcar na própria pele. O tatuador é o artista e a pele a tela”¹⁷.

3. Tatuagem – qual o seu lugar no mundo da arte?

Sanders em *Customizing the body: the art and culture of tattooing* (1989), afirma que possuir no corpo uma obra de determinado tatuador é equivalente à posse de um Picasso noutra esfera artística. Um dos tatuadores entrevistados, numa conversa informal, fez questão de referenciar que as pessoas que se tatuam são amantes de arte, que apenas trocam a tela em si pela própria pele, o que mostra a pretensão da criação da *Associação Cultural Tatuagem & Body Art* – a ligação das tatuagens à cultura e à arte. No site da associação, pode-se ler: “a tatuagem é uma forma de arte cada vez mais em contacto com a sociedade, por isso é urgente criar e lançar novas plataformas de diálogo no seio da comunidade artística, reunindo e unificando diferentes manifestações artísticas, já tão embrenhadas no seio da arte e cultura urbana.” A ideia da tatuagem enquanto forma de arte é bastante divulgada em sites, revistas, estúdios de tatuagem, estando muito presente na fala de tatuadores e tatuados. Ao longo deste trabalho houve diversas referências à qualidade do trabalho do tatuador, o que trouxe a necessidade de reflectir como as habilidades do profissional constroem a ideia de ser um “artista da

¹⁷ Diário de campo, 5/08/2010 – Dono de estúdio de tatuagem, não foi entrevistado.

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

tatuagem”. A tatuagem é considerada como uma forma de arte, sendo algumas delas elevadas a obra de arte. Que condições podem levar a tatuagem a ser conotada como obra de arte?

Mesmo dentro do *Art World Tattoo*, deve ser realçado que nem todas as tatuagens são consideradas como tal pelos tatuadores e consumidores. Segundo os entrevistados, para ser arte, uma tatuagem deve conter algumas características. Dos principais critérios apontados pelos entrevistados, destacam-se os seguintes: a tatuagem deve estar em harmonia com a parte do corpo onde é colocada; bom traço; boa utilização dos pigmentos; tamanho mínimo para que possa conter detalhes; realismo da tatuagem; originalidade e criatividade do desenho. A ideia de que um bom trabalho está ligado a um bom tatuador, que por ser um bom tatuador poderá ser um artista da tatuagem, foi por diversas vezes reforçada pelos entrevistados. Tal como refere Miguel, é a qualificação de bom ou mau trabalho que distingue a tatuagem enquanto arte:

“Realmente é muito difícil dar critérios porque eu acho que é só ser bom. Um bom trabalho pode ser arte. Uma tribal pode ser arte? Claro, tem é que ser boa. Tens uma tribal com muitos pormenores, são os dois tribal, porque é que um é arte e o outro não? Só porque um é muito complexo e o outro é muito simples? Eu acho que porque um é bom e o outro é mau. Acho que o melhor critério é decidir se é bom, mau, é arte, não é arte.” – Miguel, 25 anos

E aqui ao falar-se da tatuagem como obra de arte, deve-se introduzir os conceitos de juízos artísticos e juízos estéticos, formulados pelo fruidor perante o objecto que tem pela frente: “o juízo artístico é um juízo relativo à identidade da obra: sanciona ou recusa a sua inclusão no sistema arte. O juízo estético diz respeito ao valor da obra” (Tota, 2000:46). Há cada vez mais uma busca do valor artístico da tatuagem e este conceito da tatuagem artística, apesar de ser um dos actuais slogans de venda das tatuagens que remete para um sentido técnico de uma boa qualidade da tatuagem, “incursiona no território da criação, quer dizer, no desenho, que é elaborado pelo tatuador a partir de ideias do cliente ou como um desenho livre de sua própria inspiração” (Fonseca, 2003: 41).

Apesar de começar a haver o reconhecimento da tatuagem artística dentro do *Art World Tattoo*, esta é de difícil reconhecimento pelo mundo da arte, pela questão da articulação entre “conceito” e “prática” e da dependência do tatuador relativamente ao seu cliente. Ou seja, o cliente dá o conceito, a ideia e o conteúdo simbólico, o profissional adequa-a (ao corpo), sugere detalhes, sofisticada o desenho, formaliza-a no desenho, passa-a para a pele – é um serviço prestado ao cliente em troca de dinheiro (Fisher, 2002). Na tatuagem tudo gira em torno do processo criativo. No entanto, este processo “não depende exclusivamente do autor, é mais uma resposta a um ‘problema colocado de fora’” (Martinho, in Santos *et al.*, 2003: 27). Tal como nos diz Ferreira, da relação entre tatuador e cliente na construção do projecto, “resulta uma espécie de artisticidade mútua” (2006: 549). Deste processo de interacção resulta uma criação colaborativa, através da qual tatuado e tatuador recriam uma nova linguagem, uma nova forma de expressão que singulariza aquela tatuagem em particular, resultando um trabalho exclusivo e de personalização mas que, no mundo da arte legítima, é visto como um trabalho decorativo, não conceptual e funcional.

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

“A tatuagem é uma expressão que tem por fim último uma intenção decorativa explícita. Portanto, tem uma finalidade decorativa e isso em princípio não é arte, é arte decorativa ou design sobre o próprio corpo. A arte não tem finalidade nenhuma por definição, a arte tem que ser uma actividade que não serve para nada.” – Curadora e Crítica de arte

Neste sentido, Fisher coloca duas interrogações, que se relacionam com a argumentação dos *gatekeepers* da arte entrevistados: Pode o ofício de tatuar ser considerado arte quando ele é baseado num serviço qualificado prestado a clientes e com fins lucrativos? Como é que a tatuagem pode ser arte quando a maioria do trabalho é baseado em projectos padronizados escolhidos de um catálogo (2002: 99)? No entanto, no meu trabalho de campo verifiquei que cada vez mais os projectos são criados pelo tatuador e pelo cliente, baseados em motivações pessoais, usando os contornos do corpo para criar uma melhor apresentação estética, sendo a reprodução de catálogos evitada. Apesar de admitirem que o lucro é importante, afirmam que mais importante ainda é poderem dedicarem-se a algo que realmente gostam de fazer e a fazê-lo bem e com qualidade.

O mercado da arte tem grande influencia na valorização de uma obra de arte e, para que ocorra esta legitimação, o artista tem de conseguir reconhecimento pelo seu trabalho no mercado artístico, através da realização de exposições em espaços como museus e galerias de arte. O que não acontece aos tatuadores, já que o reconhecimento se dá apenas dentro do meio da tatuagem e os trabalhos são “expostos” em pleno processo de produção apenas no *Tattoo and Rock Festival*.

“Ser artista implica duas coisas: uma ter obra e a outra é ter a obra reconhecida como obra portanto, inserida no mercado artístico. Que eu saiba até agora a tatuagem não está inserida no mercado artístico.” – Artista e Professora de Belas-Artes

Tota, referindo-se aos museus e circuitos socialmente destinados à produção artística, afirma, “uma obra só se torna arte no momento em que é exibida e reconhecida como tal” (2000: 15) e esta afirmação dificilmente pode ser transportada para a tatuagem. As tatuagens encontram-se na pele humana, dificilmente podem estar num museu ou galeria, pelo menos no tempo de vida do indivíduo que as transporta. No entanto, não será o próprio corpo humano um museu vivo? A partir do momento em que quem transporta a tatuagem a considera obra de arte, assim como quem a fez e os seus pares, então essa tatuagem começa a ter condições sociais para ser reconhecida como arte, pelo menos dentro do mundo das tatuagens, mas podendo ultrapassá-lo, se encontrar quem sancione artisticamente o trabalho.

“Os conceitos de hoje em dia, vá tens uma parede branca dás um risco num cantinho, chamas aquilo minimalismo e vem alguém muito bom ou um crítico de arte muito conceituado e diz que aquilo é arte, então aquilo passa a ser arte. Portanto, na tatuagem é um bocado por aí. Tudo pode ser arte, só precisas de alguém que diga que é, que os outros sigam e digam “ok, se ele diz que é então é.” – Miguel, 25 anos

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

“A outra arte é herdada, é vendida, resiste no tempo, a tatuagem não. Se calhar é por aí que acham que é uma arte menor mas para o indivíduo eu acho que até é uma arte maior, ter o prazer de levar no corpo um bom trabalho. Eu acho que suplanta o ir-se a um museu ver qualquer tipo de pintura.” – Gabriel, 43 anos

A intemporalidade, e conseqüente adaptabilidade permanente, marco dos objectos artísticos, não se encontra nas tatuagens. Tal como reconheceu Gabriel, supracitado, a tatuagem não resiste no tempo, dura apenas o tempo de vida do seu suporte, não havendo durabilidade para além dele. Este argumento é também utilizado pelos *gatekeepers* da arte para a afastar do seu mundo.

“É tão difícil considerá-la arte, porque a tatuagem é indissociável do suporte em que está inscrita, em que está impressa ou marcada. Tem essa desvantagem do meu ponto de vista, faz com que ela sendo indissociável do corpo, o corpo torna-se objecto.” – Artista e Professora de Belas-Artes

No mundo da arte, a tatuagem é mais facilmente considerada como uma forma de decoração (do corpo), que pressupõe fabricação em série e está associada à reprodução de padrões culturais. Estas são assim colocadas no espaço marginal das artes decorativas e do artesanato. Os agentes da arte admitem a possibilidade da tatuagem, enquanto objecto, se inserir nas artes menores, onde se inserem alguns géneros de artesanato. Também surge inserida na *body art* (Maroto, 2011). A *body art* é uma vertente da arte contemporânea que usa o corpo como meio de expressão para a realização dos projectos, associando-se a *happenings* e *performances*. O corpo é o suporte da arte, para realizar intervenções, geralmente associadas à violência, à dor e ao esforço físico – aqui podem-se englobar as escarificações, implantes subcutâneos ou até mesmo a suspensão corporal, o que já vai mais além do que a tatuagem provoca.

“Em lato senso, pode-se considerar uma forma de arte. Não é grande arte, hoje em dia já não se fala em high art e low art, enfim, já não se fala tanto disso. Mas, de facto, não será a grande arte. Mas também pode, se nós pensarmos que ela é não um fim em si mas um veículo da body art.” – Professora de Belas-Artes e Crítica de Arte

Tal como refere Willis (1990), a grande arte assume actualmente mais categorias de exclusão do que de inclusão. A existência da arte oficial faz com que tudo o resto que lá não se encaixe não seja arte, considerando que a arte é a arte das galerias e museus, não podendo se encontrar noutros lados. A maioria dos jovens não estão envolvidos com as artes, no entanto, as suas vidas estão cheias de expressões, sinais e símbolos através dos quais indivíduos e grupos procuram de forma criativa estabelecer a sua presença, identidade e significado. O autor defende que o quotidiano está cheio de actividades que, embora não sejam reconhecidas como arte, partilham a mesma criatividade simbólica das práticas artísticas. Willis agrega um conjunto de práticas e expressões quotidianas usualmente não reconhecidas como arte, mas que contém em si a criatividade simbólica – estilos pessoais e roupas, selecção e consumo activo de músicas, revistas ou TV, entre outras. Deste modo, desconstrói a ideia de que a estética está exclusivamente ligada a actividades artísticas, sendo a estética a forma de

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

expressão de tudo quanto se possa ser, pensar ou fazer, é a prática propriamente dita do sujeito presente na vida quotidiana. Um dos *gatekeepers* da arte entrevistados, artista e professor de Belas-Artes, afirma que “mesmo a actividade mais simples e rotineira pode ser criativa”, o que vai ao encontro da perspectiva de Willis. Neste contexto, pode-se considerar que a tatuagem pertence a uma arte da cultura quotidiana. Esta ideia de arte no quotidiano faz com que haja uma “dissolução do artista numa espécie de *homo aestheticus* universal, que legitima, em todos nós, um artista, e em cada uma das nossas produções ou gestos, uma obra de arte” (Ferreira, 2010b: 117 citando Cruz, 1991).

Os agentes do campo das artes consagradas concordam que há criatividade no processo de tatuar, que este é uma manifestação criativa que assume alguns contornos artísticos:

“Tem com certeza a ver com várias características como inovação, qualidade artística, tem que haver imaginação, é diferente fazer uma tatuagem no nariz ou fazer numa barriga. Eu não chamo ao graffiti uma arte, embora seja uma coisa muito interessante, que é uma expressão de uma certa revolta anónima contra qualquer coisa, contra qualquer poder. Chamar-lhe arte, talvez chame menos arte a isso do que às tatuagens. A tatuagem, apesar de tudo, pode haver ali assim uma dimensão artística. Porque os graffiti são muito codificados. Eles sabem que vão fazer assim e fazem da mesma maneira, são todos iguais, ao passo que a tatuagem, pelo que nós vemos aí, são coisas diferentes, a imaginação aí é mais solta.” – Professora de Belas-Artes e Crítica de Arte

“Claro que pode ser uma actividade criativa, na medida em que o tatuador seja capaz de incorporar no seu trabalho as expectativas do cliente, responder de forma atenta ao propósito daquela tatuagem e, ao mesmo tempo, surpreender pela originalidade e inteligência do seu gesto criativo.” – Artista e Professor de Belas-Artes

Estes agentes vão mais longe e admitem a possibilidade da tatuagem se inserir nas artes maiores, tendo em conta a definição da arte contemporânea – em que tudo pode ser arte, qualquer meio e suporte é válido desde que conceptualmente validado pelos agentes do meio. Isto tendo em conta também a possibilidade da tatuagem “exercer uma espécie de *interferência positiva* (“fazer pensar”), no sentido do enriquecimento pessoal dos que com ela contactam” (Martinho, *in* Santos *et al.*, 2003: 53) – sendo esta a principal função atribuída à arte.

“No geral, pode ser porque, hoje em dia, arte pode ser literalmente tudo. Portanto, a tatuagem também. Não vejo razões porque não. Não pela sua materialidade propriamente dita mas no sentido em que houver uma mais-valia de sentido, ou seja, uma nova rede de significados que é estabelecida através daquilo que seja dito dessa forma, através de inscrições na pele de uma pessoa, de um grupo, do que quer que seja. Se houver de facto essa mais-valia de significado, se houver essa espécie de discurso suplementar que não passa necessariamente apenas pela forma, passa por qualquer coisa que utiliza essa forma e que diz qualquer coisa de novo, que de certa forma questiona as pessoas, que as retira do seu espaço normal para um outro que é da ordem do imaginário, pode ser.” – Artista, Professora de Belas-Artes e Investigadora

É prudente reflectir o que é arte na cultura contemporânea. Já é um dado adquirido a “arte” como sistema de acção colectiva, no âmbito do qual se decide qual objecto é arte e qual não é. O objecto em si não carrega essa definição. As manifestações contemporâneas da arte constituem um

fenómeno cultural complexo, pois “indicam a possibilidade de interessantes experimentações nos processos comunicativos, como campo de circulação de valores e signos” (Gonçalves, 2007: 2). Nesta nova condição da arte há uma grande liberdade artística, que vai mesmo aos próprios meios já que, por exemplo, vai do uso de objectos banais e reaproveitados, ao uso de biotecnologia como suporte de trabalhos artísticos.

O conceito de artificação, proposto por Shapiro¹⁸, parece pertinente de aqui ser introduzido. Segundo a autora, a “artificação é a transformação da não-arte em arte” (2007: 135). Este processo descreve como práticas não artísticas mudam de estatuto e se tornam artísticas. Estando as tatuagens entre a arte e o ofício, elas passam por um processo de artificação, sendo um processo complexo que provoca uma transubstanciação simbólica no objecto em si, na actividade e nas pessoas que a praticam. Segundo a autora, este conceito não se refere apenas aos objectos, às pessoas e às acções, mas também à reclassificação das mesmas, ao enobrecimento das pessoas envolvidas e à edificação de novas fronteiras da arte. Quando alguém assume como arte determinada tatuagem, assume também que o seu produtor é um artista.

No entanto, não se deve deixar de ter em conta que os *gatekeepers* da arte são dúbios na sua argumentação. Por um lado, sabem que é difícil argumentar que a tatuagem não se pode inserir no campo das artes, isto à luz da arte contemporânea, ou das artes menores e marginais. Por outro lado, procuram os motivos que a afastam do enquadramento artístico. Exemplo é, o recurso às artes menores para categorizar a tatuagem, quando dizem que a diferenciação entre artes maiores e artes menores já está afastada da linguagem actual da arte. Verifica-se assim um jogo de tensões, podendo a tatuagem ser considerada uma “arte em tensão”. Não obstante, o tatuador continua a não ser considerado artista dentro do sistema da arte consagrada. Apenas o objecto que produz assume uma dimensão artística, pela inovação, imaginação e qualidade gráfica. Assim, é pela criatividade e projecto original que a tatuagem se aproxima do campo da arte. O que reitera a ideia de que os tatuadores são criativos e que é na criatividade que reside o ser “artista da tatuagem”. O mundo da arte começa, deste modo, a “reconhecer e a caucionar simbolicamente a legitimidade artística de alguns objectos produzidos nos restantes contextos”, neste caso específico, as tatuagens. Enquanto estas, por sua vez, inseridas nas artes de fronteira, “acentuam a lógica da criatividade autoral, tradicionalmente característica dos mundos artísticos, e todos eles vêem (e têm interesse em) os seus objectivos serem mercantilizados sob o signo da “singularidade, da “diferença” e da “autenticidade” (Ferreira, 2010b: 111).

¹⁸ Roberta Shapiro – O que é a artificação?

CONCLUSÃO

O universo da tatuagem aqui apresentado, mostra-nos um panorama diferente do encontrado anteriormente por outros autores (Ferreira, 2008; Sanders, 1989), já que, hoje, este é um meio cada vez mais aberto ao exterior, encontrando-se no seu seio um grande empenho no reforço da identidade profissional, através de uma maior cooperação entre profissionais. Com a sua abertura ao mundo, principalmente através de *reality shows* televisivos, das redes sociais e das convenções, tornou-se cada vez mais reconhecida e atractiva enquanto profissão. O processo de transformação que envolveu a profissionalização dos tatuadores foi foco de todo este trabalho, dando conta do processo de passagem da clandestinidade para a visibilidade e de legitimação social da profissão de tatuador.

Contudo, este é ainda um processo em consolidação, nomeadamente devido à falta de reconhecimento da profissão por parte do Estado português, através de uma legislação específica que regule a profissão. Por este motivo, e em tempos de mudança, os profissionais da tatuagem contam com diversas estratégias de profissionalização – o processo de higienização e medicalização dos estúdios, a criação da *Associação Cultural Tatuagem e Body Art*, a realização anual do *Tattoo and Rock Festival* e o controlo informal sobre o processo de aprendizagem, de forma a manterem as normas e o controlo da adesão ao seu mundo, ao mesmo tempo que procuram melhorar a sua situação profissional.

As redes sociais e a convenção são, actualmente, os principais espaços de reconhecimento interpares. A mediatização da tatuagem no espaço público contribuiu muito para o surgimento da ideia do trabalho artístico na tatuagem. É através do reconhecimento adquirido nestas plataformas que os tatuadores procuram trabalhar no sentido de alcançarem a consagração máxima, ou seja, o estatuto de artista.

Com o aumento da popularidade e com a maior visibilidade da profissão, os tatuadores mudaram as suas definições sobre o seu trabalho e a sua comunidade (Maroto, 2011). Muitos consideram a prática da tatuagem uma forma de arte, o que coloca os tatuadores dentro de um “mundo da arte” ou de um mundo social definido pelo trabalho artístico. Becker é neste contexto um autor fundamental com o seu conceito de *art worlds*. Na sua conceptualização interaccionista, os mundos da arte são constituídos por todas as pessoas e instituições cujas actividades são necessárias para a produção material e social de trabalhos reconhecidos como artísticos nesse mundo, e talvez em outros (1982: 34). A arte é social uma vez que é criada por redes de relações de pessoas que actuam colectivamente e propõem um quadro de referência, mediado por convenções aceites tanto no lado da produção como do consumo. A definição daquilo que constitui, ou não, arte é relativamente arbitrária e dependente da formação de consensos sociais a respeito dessa condição, mais do que algo inerente às qualidades estéticas dos objectos propriamente ditos.

Na tatuagem encontramos então o *Art World Tattoo*, sendo possível identificar convenções que constroem uma hierarquização do profissional da tatuagem – o mau tatuador, o bom tatuador (artesão-

virtuoso) e o tatuador artista (artesão-artista). Estes últimos já procuram investir o seu talento artístico em desenhos não padronizados, originais e personalizados, onde “o processo de produção da tatuagem artística passa a ser apresentado como um trabalho singular e original, em vez de se limitar à mera produção de massa de réplicas de catálogo, dotadas de um reduzido valor estético e económico” (Ferreira, 2008: 98). O que difere dos tatuadores mais antigos que valorizam o virtuosismo da reprodução da tatuagem para a pele.

Neste panorama, o surgimento de uma geração de tatuadores com formação em áreas artísticas foi fundamental. Estes trouxeram mais criatividade e inovação para a tatuagem, tanto pelas técnicas utilizadas como pelos novos materiais, mas sobretudo pelo nível da exigência no desenho. O que veio proporcionar uma maior singularização e individualização do profissional, pelo destaque que conseguem alcançar com os seus trabalhos. Habilidades técnicas e gráficas são essenciais para a execução de uma tatuagem de boa qualidade, mas estas últimas são hoje mais valorizadas. Assim, se na geração mais antiga de tatuadores era a técnica de tatuar e a mestria com que o trabalho era realizado que distinguia um bom profissional e consequentemente, o tatuador-artista, actualmente, para a geração mais jovem são as capacidades artísticas singulares. Há a assimilação de valores artísticos na diferenciação entre o bom profissional e o profissional criativo, categorizando assim o bom tatuador tecnicamente virtuoso e o artista da tatuagem criativo e inovador.

A tatuagem é culturalmente mais legitimada por argumentos de criatividade do que de artisticidade. É possível afirmar que no contexto nacional actual, as tatuagens estão a tornar-se obras criativas, fruto da imaginação e da sensibilidade de tatuadores e tatuados, constituindo por isso obras de arte que, cada vez mais, se afirmam no mundo das tatuagens enquanto tal. Já no mundo da arte consagrada, os *gatekeepers* da arte não reconhecem a tatuagem como arte e o tatuador como artista – principalmente por ser um serviço prestado ao cliente em troca de dinheiro e pela tatuagem resultar de um processo de criação colaborativa, onde tatuador e cliente participam de todo o processo de produção da tatuagem. Porém, a tensão existente à volta da tatuagem é notória: da mesma forma que negam a inserção da tatuagem na arte, admitem que ela pode-se integrar na arte contemporânea ou nas artes menores e marginais.

Kosut (2006) identificou no contexto americano que a tatuagem está lentamente a invadir o espaço da arte, o que se vê pelas exposições sobre tatuagens em galerias e museus, e pelo facto de serem reconhecidas como *body art*. As tatuagens e as imagens que as constituem são cada vez mais parte da arte *mainstream*. Também no contexto nacional, as tatuagens começam a reunir as condições necessárias para alcançarem visibilidade e notoriedade artística fora do *Art World Tattoo*. Não, no entanto, sem que desapareça a tensão que localiza a prática da tatuagem entre o ofício e a arte.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (2009), *The impact of culture on creativity*, KEA European Affairs, Bruxelas, Comissão Europeia (DG Educação e Cultura)
- Alencar, Eunice Soriano e Fleith, Denise de Souza (2003), *Criatividade. Múltiplas perspectivas*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília
- Andrade, Mário de (1975), “O artista e o artesão” in (1893-1945) *O baile das quatro artes*, São Paulo e Brasília, Martins e Instituto Nacional do Livro, pp. 11-33
- Atkinson, Michael (2003), *Tattooed: The Sociogenesis of a Body Art*, Toronto, University of Toronto Press
- Beaud, Stéphane e Weber, Florence (2007), *Guia para pesquisa de campo. Produzir e analisar dados etnográficos*, Rio de Janeiro, Vozes
- Becker, Howard (1982), *Art Worlds*, Berkeley, University of California Press
- Campos, Ricardo (2009), “Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no graffiti”, *Etnográfica*, 13 (1), pp.145-170
- Caria, Telmo (Org.) (2002), *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento
- Cardoso, Gustavo (1997), “Contributos para uma sociologia do ciberespaço”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 25, pp. 51-80
- Cardoso, Gustavo (1998). *Para uma Sociologia do Ciberespaço: Comunidades Virtuais em Portugueses*, Oeiras, Celta Editora
- Costa, António Firmino da (1986), “A pesquisa de Terreno em Sociologia”, in Augusto Santos Silva, José Madureira Pinto (orgs.) (1986), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 129-148
- Costa, António Firmino da (1988), “Cultura profissional dos sociólogos”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 5, pp.107-124
- Costa, Zeila (2004), *Do Porão ao Estúdio: Trajectórias e Práticas de Tatuadores e Transformações no Universo da Tatuagem*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina
- DeMello, Margo (2000), *Bodies of Inscription: A Cultural History of the Modern Tattoo Community*, Londres, Duke University Press
- Ferreira, Vítor Sérgio (2006), *Marcas que Demarcam: Corpo, Tatuagem e Body Piercing em Contextos Juvenis*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE
- Ferreira, Vítor Sérgio (2008), “Os ofícios de marcar o corpo – a realização profissional de um projecto identitário”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 58, pp. 71-108
- Ferreira, Vítor Sérgio (2010a), “Tatuagem, Body Piercing e a Experiência da Dor: Emoção, Ritualização e Medicalização”, *Saúde e Sociedade*, 19 (2), pp. 231-248
- Ferreira, Vítor Sérgio (2010b), “Cenas Juvenis, Políticas de Resistência e Artes de Existência”, *Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, 16, pp. 111-120

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

- Fisher, Jill A. (2002), "Tattooing the body, marking culture", *Body & Society*, 8 (4), pp. 91-107
- Fonseca, Andreia Lissett Perez (2003), *Tatuar e ser tatuado: Etnografia da prática contemporânea da tatuagem*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina
- Giddens, Anthony (2004), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Gonçalves, Fernando do Nascimento (2007), "Comunicação, Cultura e Arte Contemporânea", *Contemporânea*, 8 (5), pp. 2-10
- Kaufmann, Jean-Claude (1996), *L'Entretien Compréhensif*, Paris, Ed. Armand Colin
- Kosut, Mary (2006), "Mad artists and tattooed perverts: Deviant discourse and the social construction of cultural categories", *Deviant Behavior*, 27, pp. 73-95
- Le Breton, David (2004), *Sinais de identidade. Tatuagens, piercings e outras marcas culturais*, Lisboa, Miosótis
- Lee, Raymond M. (2003), *Métodos Não Interferentes em Pesquisa Social*, Lisboa, Gradiva
- Leitão, Débora (2003), *O corpo ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Leitão, Débora (2004), "Mudança de significado na tatuagem contemporânea" , *Cadernos IHU Ideias*, 2 (16), pp. 1-22
- Lima, Cristina Maria Garcia de; Dupas, Giselle; Oliveira, Irma de e Kakehashi, Seiko (1996), "Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão", *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 4 (1), pp. 21-30
- Maroto, Michelle Lee (2011), "Professionalizing Body Art: A Marginalized Occupational Group's Use of Professionalization Strategies to Formalize Control.", *Work and Occupations*, 38, pp. 101-138
- Martinho, Teresa (2003), "Em torno da constituição do sujeito artístico" in Santos, Maria de Lourdes Lima dos (coord.); Ferreira, Vítor; Nunes, João Sedas e Martinho, Teresa (2003), *O mundo da arte jovem: protagonistas, lugares e lógicas de ação*, Oeiras e Lisboa, Celta Editora e Instituto Português da Juventude, pp. 26-65
- Machado, J.R.; Tijiboy, A.V. (2005), "Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa", *Novas Tecnologias na Educação*, CINTED-UFRGS, 3 (1), pp. 1-9
- Menger, Pierre-Michel (2005), *Retrato do artista enquanto trabalhador. Metamorfoses do capitalismo*, Lisboa, Roma Editora
- Moulin, Raymonde (1983), "De l'artisan au professionnel: l'artiste", *Sociologie du Travail*, 4, pp.388-403
- Pais, José Machado (2002), *Sociologia da Vida Quotidiana*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais
- Pérez, A. (2006), "A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade", *Revista Mana*, 12 (1), pp. 179-206
- Rodrigues, Maria de Lurdes (1997), *Sociologia das Profissões*, Oeiras, Celta Editora

A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?

- Sanders, Clinton R. (1989), *Customizing the Body: The Art and Culture of Tattooing*, Filadélfia, Temple University Press
- Shapiro, Roberta (2007), “O que é a artificação”, *Sociedade e Estado*, Brasília, 22 (1), pp. 135-151
- Tota, Anna Lisa (2000), *A Sociologia da Arte. Do Museu Tradicional à Arte Multimédia*, Lisboa, Editorial Estampa
- Turner, Bryan S. (1999), “The possibility of primitiveness: towards a sociology of body marks in cool societies”, *Body & Society*, 5 (2-3), pp. 39-50
- Velho, Gilberto (2003), “O desafio da proximidade” in Velho, Gilberto e Karina Kushnir (orgs.) (2003), *Pesquisas Urbanas. Desafios do trabalho antropológico*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 11-19
- Willis, Paul (1990), *Common Culture: Symbolic work at play in the everyday cultures of the young*, Milton Keynes, Open University Press

Outras fontes:

Dicionário Larousse de Sociologia, 1999

Projecto de Lei Nº 483/X (PS)

ANEXOS

Anexo A – Guião de entrevista a tatuadores

Consumo

1. Quando é que começou o teu interesse pessoal pela tatuagem? (idade, fase da vida, em que situação)
2. Como é que isso aconteceu? (em que contexto social)
3. Quando começaste, já tinhas um grupo de amigos que já faziam tatuagens e/ou onde as tatuagens eram aceitáveis?

Profissionalização

4. Quando é que nasceu a ideia de fazer das tatuagens uma actividade profissional? Como é que foi?
5. E antes, tinhas alguns projectos profissionais ou não? O que é que pensavas vir a fazer? Por que mudaram os projectos?
6. Conta-me como é que tem sido o teu trajecto profissional.
7. E gostas do que fazes hoje? Porquê?
8. Quais são, para ti, as vantagens e desvantagens desta actividade?
 - Dimensão económica (sobrevivência/lucro)
 - Dimensão da segurança
 - Dimensão da satisfação/prazer pessoal
 - Relação com outras esferas da vida (amizades, vida afectiva e emocional)
 - Stress, condições de trabalho, problemas
9. Há muita gente, hoje, que quer ser tatuador? Aparece-te aqui na loja? Que tipo de pessoas? Por que achas que isso acontece hoje em dia?

Formação

10. Como é que aprendeste a fazer tatuagens? Tiveste algum tipo de formação? Onde? De quanto tempo? Como foi? Porquê?
11. Achas importante ter tido esse tipo de formação? Porquê?
12. Quais são para ti as principais competências para se ser um bom tatuador?
13. E como é que foi o teu percurso escolar? (houve abandono, insucesso, que tipo de disciplinas mais te interessavam)
14. Como é que foi a tua vivência na escola? (caracterizar relação com a escola: do que se gostava, do que não se gostava, interesses, que tipo de aluno era)

Criatividade

15. Fazer tatuagens é, para ti, uma actividade criativa?
16. Onde achas que está a criatividade da tua actividade? (ideia/inação, operação, técnicas).
Descreve-me situações ou exemplos em que aches que a tua actividade é criativa e outros onde aches que não é.
17. Consideras a tatuagem uma arte? Todos os trabalhos de tatuagem são arte? Quais os que são e os que não são. O que é necessário para que uma tatuagem seja considerada uma obra de arte? (critérios)
18. E tu achas que és um artista? Porquê?
19. Como se distingue um bom artista de um mau artista em termos de tatuagem?
20. E que margem de liberdade e de criatividade tens em relação aos desejos dos teus clientes?

Cientes

21. Como é que tu caracterizas os teus clientes? Que tipo de pessoas te aparece mais cá?
22. E de que tipo de cliente tu mais gostas? Porquê?
23. Que tipo de tatuagens são as mais pedidas/os no teu estúdio?
24. E as menos pedidas?
25. Quem faz umas e outras? Que diferenças existem entre as clientelas de uns e outros? (idade, sexo ...)
26. Os teus clientes têm vindo a mudar desde que exerces esta actividade? Que diferenças notas?

O estúdio

27. Fala-me da tua loja. Quando, como e por quê decidiste abrir o estúdio aqui?
28. Como é que está organizado o trabalho no estúdio?
29. Quem cá trabalha? A fazer o quê, respectivamente? Como é que têm sido recrutados?
30. Como é o ambiente de trabalho? (questão de partilha e sonegação de informação, o quê, porquê).
31. Fala-me da decoração e da organização do espaço do estúdio.

O campo da tatuagem

32. Com o tempo, começaste a conhecer pessoas na área da tatuagem?
33. Que relações existem entre os tatuadores (em Portugal e no estrangeiro)? (percepção como a competitividade)
34. Existem canais de comunicação entre vocês? Como comunicam?
35. Como é que te actualizas sobre tema?
36. Qual é a tua opinião sobre o campo da tatuagem em Portugal?
37. Em que é que difere de outros países que conheças?
38. Tens conexões com tatuadores estrangeiros?
39. Vais a convenções? Em Portugal, no estrangeiro?
40. Para que servem? Qual a sua importância, na tua opinião?

Identidade, sociedade e futuro

41. Fala-me mais um pouco de ti: como é que te descreverias?
42. E como é que costuma ser o teu dia-a-dia?
 - Dimensão tempo (lazer vs trabalho, dia vs noite, fim de semana vs semana de trabalho. Explorar articulação da actividade profissional com outras esferas da vida)
43. O que é que mais gostas de fazer? Quais são os teus principais interesses e gostos pessoais? E em que é que a tatuagem está relacionada (ou não) com estes gostos?
44. Qual o bem mais precioso, para si, considerando a sociedade de hoje (tempo, bem estar, prazer, dinheiro, emoções, relações, amizade, amor...)? Como vê a sociedade de hoje? (problemas e vantagens de viver hoje e aqui).
45. Costumas planear a tua vida (profissional e outras esferas, como a família, amigos, etc.)? Como funcionam esses planos? São projectos ou sonhos? E o que fazes para concretizá-los?
46. E quais são os teus projectos de futuro, pessoal e profissionalmente, se é que existem? Como, quando espera concretizá-los? De que dependem?

Anexo B – Caracterização sociográfica dos tatuadores entrevistados



Nome (Fictício)	Idade	Escolaridade	Primeira tatuagem	Tempo de profissão	Condição perante o trabalho	Agregado doméstico	Grupos de estilo	Profissão do Pai	Escolaridade do Pai	Profissão da Mãe	Escolaridade da Mãe	Data e duração da entrevista
Afonso / Bernardo	28/31 anos	9º ano/12º ano (área de artes)	19 anos	10 anos	Estúdio próprio	Esposa e 2 filhos/ Companheira	Skater/Surfista	Segurança/ Empresário	12º ano/ 12º ano	Escriturária/ Secretária	12º ano/ Licenciatura em Economia	2/08/2010 01:20:23
Sérgio	30 anos	9º ano	18 anos	8 anos	Trabalhador por conta de outrem	Sozinho	Rockabilly	Mecânico	8º ano	Costureira	12º ano	4/08/2010 01:05:16
António	26 anos	12º ano + Curso Profissional de Medições e Orçamentos	18 anos		Trabalhador por conta de outrem	Sozinho	Estilo próprio. Dá-se mais com freaks	Controlador de tráfego aéreo	12º ano	Professora de Ensino Básico	Licenciatura	5/08/2010 00:42:52
Beatriz	32 anos	12º ano (Curso Profissional de Desporto)	18 anos	12 anos	Trabalhadora Independente – à comissão	Companheiro	Sem grupo de estilo	Ajudante de motorista	4ª classe	Doméstica	9º ano	6/08/2010 01:09:33
Simão	27 anos	Licenciatura em Design Industrial + Bacharelato em Marketing e Publicidade + Bacharelato em Design e Artes		10 anos	Trabalhador independente – à comissão	Pais	Street e desportivo. Estilo japonês. Já se identificou com o estilo hooligan	Pintor de construção civil	6º ano	Cozinheira de 1ª categoria	9º ano	8/08/2010 01:23:21
Alice	38 anos	Licenciatura em Educação Física e Desporto	Não tem tatuagens	10 anos	Estúdio próprio	3 filhos	Identifica-se com os motards	Informático	Licenciado	Enfermeira	Licenciada	10/08/2010 00:39:17
Diogo	25 anos	12º ano		8 anos	Trabalhador por conta de outrem	Esposa e cunhado	Estilo próprio	Electricista	12º ano	Cozinheira	12º ano	11/08/2010 00:35:09
Paulo	29 anos	12º ano + Curso Técnico de Artes	13/14 anos	14 anos	Estúdio próprio	Filho	Sem estilo definido	Advogado e militar	Licenciatura	Doméstica	Licenciatura em Artes	12/08/2010 00:38:08

Eduardo	39 anos	Licenciatura em Desenho	14 anos	24 anos	Estúdio próprio	Esposa e filho	Sem estilo definido. Considera o seu estilo como “pai de família”	Camionista	12º ano	Educadora	Licenciatura	17/08/2010 00:54:40
Martim	27 anos	9º ano			Trabalhador por conta de outrem	Mãe	Sem estilo definido	Empregado de mesa	9º ano	Auxiliar de acção médica	12º ano	18/08/2010 00:37:33
Tomás	38 anos	Licenciatura em Arquitectura	28 anos		Trabalhador por conta de outrem	Esposa	Surfista	Protésico	12º ano	Doméstica	12º ano	2/09/2010 00:45:56
Gustavo	22 anos	10º ano	17 anos	3 anos	Trabalhador por conta de outrem	Companheira	Sem estilo definido (não gosta de rótulos)	Falecido	-----	Empregada de balcão	12º ano	3/09/2010 00:44:52
Miguel	25 anos	Licenciatura em Design		2 anos	Trabalhador por conta de outrem	3 amigos	Está ligado à cultura do Graffiti e Hip-Hop	Reformado	Licenciatura	Reformada	Licenciatura	4/09/2010 01:15:19
Joel	32 anos	Licenciatura em Informática de Gestão	21/22 anos		Estúdio próprio	Esposa	Sem estilo definido	Engenheiro Técnico Agrário	Licenciatura	Reformada	Licenciatura em Literatura	6/09/2010 00:47:07
Maria	36 anos	Formada em Artes Plásticas + Licenciatura em Estilismo Industrial	24 anos	3 anos e meio	Trabalhadora por conta de outrem	Sozinha	Estilo próprio – mistura de estilos	Serralheiro mecânico. Reformado	4ª classe	Auxiliar de acção médica	4ª classe	8/09/2010 00:47:20
Vasco	32 anos	11º ano	18 anos	11 anos	Estúdio próprio	Companheira	Estilo “tatuador”	Ourives	9º ano	Doméstica	9º ano	9/09/2010 01:20:20
André	41 anos	12º ano – Imagem e Comunicação	17 anos	16 anos	Estúdio próprio	Esposa e filho	Sem grupo de estilo	Reformado	9º ano	Doméstica	9º ano	10/09/2010 01:16:24
Jorge	40 anos	Licenciatura em Ilustração	21/22 anos	16 anos	Trabalhador independente – à comissão	Esposa e filhos	Sem grupo de estilo. Já foi gótico, punk e ligado ao Hip-Hop	Estofador	2ª classe	Costureira	3ª classe	21/09/2010 00:40:22
José	36 anos	Bacharelato em Ilustração		10 anos	Trabalhador independente – à comissão	Esposa	Sem grupo de estilo	Serralheiro	4ª classe	Controladora em empresa de tecidos	1º ano da Escola Comercial	22/10/2010 00:59:33

Rui	35 anos	11º ano – área de Humanidades	18 anos	2 anos	Trabalhador independente – à comissão	Sozinho	Sem grupo de estilo	Empresário	Ensino Preparatório	Trabalha na área do marketing	Ensino Preparatório	23/10/2010 00:35:37
Gabriel	43 anos	12º ano – repetiu 2 vezes o secundário, uma na área de Saúde, outra em Humanidades	17 anos		2 Estúdios Próprios	Esposa e filha	Pertence aos “Hells Angels”	Militar	9º ano	Gerente comercial	4ª classe	5/11/2010 01:11:38

>

Anexo C – Guião de entrevista a críticos de arte

1. Cada vez mais a tatuagem parece ser vista como expressão artística impressa na pele. Considera a tatuagem uma forma de arte? Em que sentido se pode considerar a tatuagem como um meio de expressão artística?
2. Considera que ser tatuador é ter uma profissão artística e, conseqüentemente, os tatuadores são artistas?
3. Como vê a troca da tela ou do papel por este novo recurso que é a pele para realizar verdadeiros projectos?
4. Considera que fazer tatuagens é uma actividade criativa? Onde é que encontra criatividade nas tatuagens?
5. O que é necessário para que uma tatuagem seja considerada uma obra de arte no seu ponto de vista (caso considere arte)?
6. Que factores acha que estão na base da tatuagem ser hoje em dia vista como uma forma de expressão artística?
7. Cada vez mais os novos tatuadores vêm de áreas ligadas às artes, têm formação em desenho, design, ilustração, estilismo, etc., porque acha que isso está a acontecer actualmente?
8. Acha que já ter um background nestas áreas antes de começar a tatuar pode ser uma mais-valia no mundo das tatuagens? Por quê?
9. Acha que este meio de expressão artística pode vir a ser reconhecido e experimentado como tal dentro da universidade, nomeadamente das Belas Artes?
10. Qual a abertura das Belas Artes/Universidade às expressões culturais de rua, tal como a tatuagem, o graffiti, etc.?
11. O que falta para um o maior reconhecimento da tatuagem como arte no nosso país?
12. Como acha que seriam acolhidas pelos museus e galerias de arte nacionais exposições em que o tema seriam as tatuagens? Como vê a possibilidade de serem expostas obras feitas directamente na pele?

Anexo D – Exemplo de Certificado de Higiene e Segurança

 **Ambimed**
Protegendo Pessoas. Reduzindo Riscos.™

Certificado n.º 2011,32150

CERTIFICADO

A Ambimed, Operador Autorizado de Gestão de Resíduos Hospitalares classificados no Despacho N.º242/96 de 13 de Agosto (grupos III e IV) e nas classes 18.00 do LER - Lista Europeia de Resíduos - detentora de três Unidades de Tratamento e uma Unidade de Transferência de Resíduos Hospitalares, licenciadas pela Direcção Geral de Saúde em conformidade com a Portaria N.º 174/97 de 10 de Março, declara para os devidos efeitos que:

- **TATTOO**

Lhe entrega para tratamento "Resíduos Hospitalares com Perigosidade" por si produzidos, ao abrigo do contrato assinado entre as partes, e que as Operações de Gestão desses resíduos estão a ser efectuadas de acordo com as normas e legislação em vigor em matéria de Saúde e de Ambiente.

VALIDADE DO CERTIFICADO

RESÍDUOS ABRANGIDOS	VALIDADE DO CONTRATO
Resíduos Hospitalares de Risco Biológico (Grupo III) e Risco Específico (Grupo IV)	03 de Março de 2012

A GERÊNCIA



AMBIMED
Gestão Ambiental, Lda
CONTRIBUINTE 563 593 427
REGISTADO NO C.R.C. DE Torres Vedras
CAPITAL SOCIAL 300.000,00 EUR

SEDE - HEADQUARTERS
Rua Fernando Pessoa n.º 8 C
2560-241 Torres Vedras, PORTUGAL

DELEGAÇÕES - DELEGATIONS
Barreiro - Beja - Braga - Estarreja

CONTACTOS - CONTACTS
Tel. +351 261 320 300 Fax +351 261 320 320
E-mail ambimed@ambimed.pt
Atendimento ao Cliente 808 200 246
www.ambimed.pt

Anexo E – Fotografias do Tattoo and Rock Festival



Figura 1 – Tattoo and Rock Festival

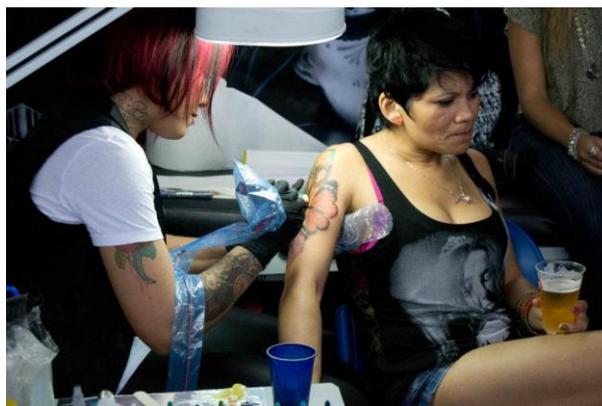


Figura 2 – Tattoo and Rock Festival



Figura 3 – Tattoo and Rock Festival



Figura 4 – Tattoo and Rock Festival



Figura 5 – Tattoo and Rock Festival



Figura 6 – Tattoo and Rock Festival

Anexo F – Exemplos de tatuagens (imagens retiradas da *internet*)



Figura 7 – Tatuagem 3D



Figura8 – Tatuagem Biomecânica



Figura 9 – Tatuagem fluorescente



Figura 10 – Tatuagens abstractas



Figura 11 – Tatuagem branca

Curriculum Vitae

Informação pessoal

Nome Ana Mónica Palinhos Oliveira
E-mail ana.poliveira85@gmail.com
Nacionalidade Portuguesa
Data de nascimento 24/08/1985

Formação académica

Ano lectivo 2010/2011 – Mestrado em Sociologia – especialização em Comunicação e Cultura. Conclusão da componente curricular. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa.

Ano lectivo 2008/2009 – Conclusão da Licenciatura em Sociologia, com média final de 15 valores. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa.

Ano lectivo 2003/2004 – Frequência do 1º ano da Licenciatura em Gestão e Administração Pública. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Ano lectivo 2002/2003 – Conclusão do Ensino Secundário, Curso Geral do 4º agrupamento. Escola Básica 2,3/S Michell Giacometti da Quinta do Conde.

Outras formações

Erasmus Intensive Course “Empires, Nations, Churches”, com classificação final de 18 valores. Károli Gáspár Református Egyetem – Gáspár Károli University of the Reformed Church – Budapeste, Hungria (2010).

Experiência profissional

14.02.2011 a 14.02.2012 – Estágio Profissional na Intercultura – AFS Portugal. Desempenho das funções de Coordenadora de Recrutamento: Desenvolvimento dos vários programas de intercâmbio promovidos pela Intercultura, implementação das estratégias de divulgação e de crescimento, recrutamento de famílias de acolhimento, aconselhamento, preparação de campos de orientação e outras actividades, contactos com voluntários, tarefas administrativas, entre outros.

01.09.2009 a 31.08.2010 – Bolseira de investigação no projecto *Género, Empreendedorismo e Qualificações em Portugal: tendências, contextos e experiências individuais*, no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia/ISCTE.

01.01.2009 a 31.08.2009 – Bolseira de iniciação à investigação no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia/ISCTE, no âmbito do programa Ciência 2008 – Bolsas de integração na investigação. Participação no projecto *Mudanças na Família e no Trabalho: Impactos na Qualidade de Vida*.

01.06.2006 a 30.06.2006 – Livraria Bertrand, S.A. Desempenho das funções de Caixeiro Ajudante 1º ano: Atendimento ao público, organização e arrumação dos produtos, recepção e elaboração de notas de encomenda.

10.02.2005 a 01.10.2005 – Empresa SPAST Elis – Sociedade Portuguesa de Aluguer e Serviço de Têxteis, S.A. Desempenho das funções de 3ª Escriturária: Prestação de assistência telefónica aos clientes, elaboração de facturas manuais e notas de crédito, tratamento de contratos dos clientes, execução de serviços de arquivo.

Conhecimentos linguísticos

Bons conhecimentos das línguas inglesa e francesa.

Aptidões e competências técnicas

Conhecimentos de informática na óptica do utilizador de software corrente (Microsoft Office: Excel, Word, Power Point; Internet Explorer; Outlook). Conhecimentos em SPSS, Seagate Crystal Reports, MAXQDA e End Note.

Aptidões e competências sociais e de organização

Capacidade de adaptação e integração em novos ambientes. Boa capacidade de comunicação. Pré-disposição para a aprendizagem. Dinamismo. Autonomia. Sentido de responsabilidade e espírito de equipa.